

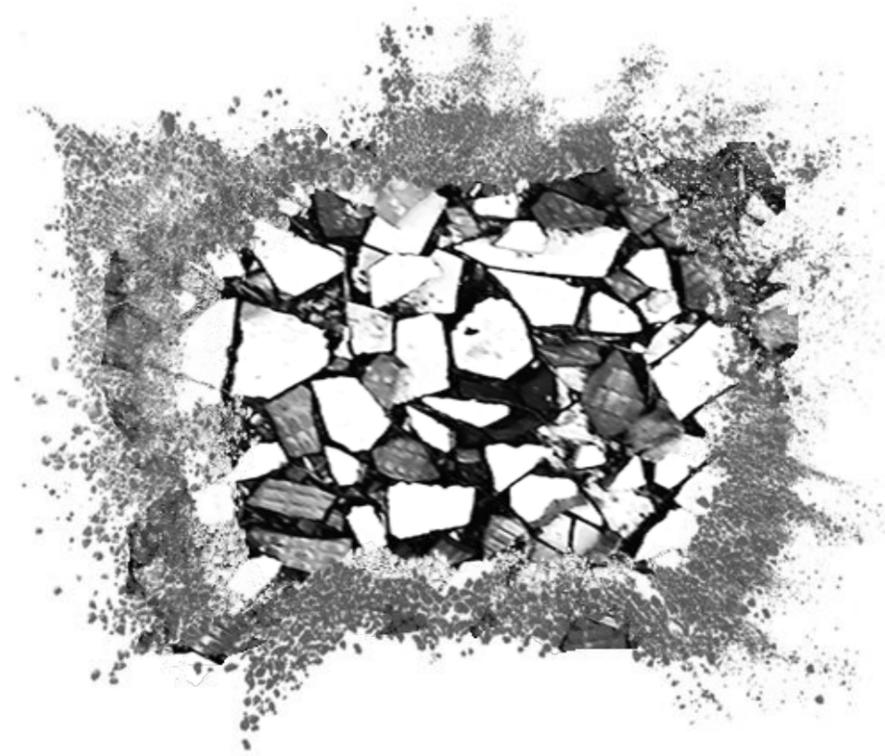


# Entre janelas e fragmentos

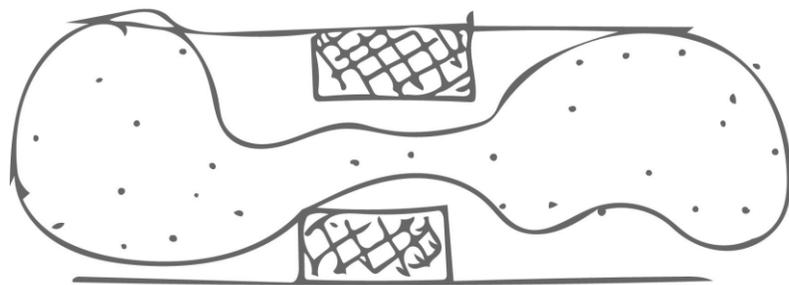
Um portal de reflexões dos afetos da pandemia em corpos confinados

Universidade Federal de Santa Catarina  
Curso de Arquitetura e Urbanismo  
Trabalho de Conclusão de Curso  
Ensaio Experimentais

Anastácia Bueno Campolina  
Orientador Prof. Dr. Rodrigo Gonçalves  
Florianópolis. Novembro, 2021



Meus sinceros agradecimentos a todas as  
pessoas que leram ou que venham a ler  
este trabalho.



## RESUMO

Este trabalho parte de uma experiência para um experimento. Com base em fragmentos e reflexões acerca das janelas físicas, virtuais e simbólicas, abro um canal de investigação sobre as relações dos corpos com seus respectivos locais de isolamento social. Ao olhar para a dimensão existencial na constituição de territórios subjetivos, lanço o questionamento para me aproximar dos afetos possibilitados pelas janelas da pandemia, e com ele construir um material sensível para realizar o compartilhamento dessa experiência. Por meio de desenhos, fotos, poesias e reflexões, te convido a uma viagem.

**Palavras-chave:** corpo - pandemia - afetos - janela

## ABSTRACT

This work starts from an experiment for an experiment. From fragments and reflections about physical, virtual and symbolic windows, I open a channel of investigation on the relationship between bodies and their places of social isolation. When looking at an existential dimension in the constitution of subjective territories, I launch the question to get closer to the affections made possible by the pandemic windows, and with it, build sensitive material to share this experience. Through drawings, photos, poetry and reflections, I invite you on a journey.

**Keywords:** body - pandemic - affects - window

### ATO-IMPULSO

#### processo

Desenhos, fotografias, citações e fotomontagens. Ato-impulso designa os principais momentos de pulsão criativa que tangenciam e se misturam ao trabalho. São marcas imagéticas daquilo que surgiu através de mim e fazem parte do processo de elaboração e reanimação das intenções primeiras para com o tema.

## CONVITE

### ato-impulso 01

#### APRESENTAÇÃO

#### MOTIVAÇÃO

#### MÉTODO

#### INQUIETAÇÕES

Pandemia

Janelas Virtuais

### ato-impulso 02

#### PERCEPÇÃO EM PERSPECTIVA

#### PROCURAM-SE JANELAS

Questionário

Resultados Quantitativos

### ato-impulso 03

#### APROXIMAÇÕES

### ato-impulso 04

Ensaio de aproximação 01

Desenho imagens

### ato-impulso 05

Ensaio de aproximação 02

Desenho relatos

### ato-impulso 06

#### NARRATIVAS ENTRE PAISAGENS

Paisagem

Coreografia

Narrativa Cartográfica

#### FRAGMENTOS QUE SEGUEM EM PULSO



Fotografia: André Olmos  
Oficina Andanças poéticas - Tode Corpe é Corpe de Baile  
Instituto Arco-Íris, Florianópolis - 2019

O mundo que habitamos  
é também um mundo imaginado  
as nossas potências são expansões dessas imagens  
formar imagens é formar um mundo metáfora do possível

**PULSAR**  
é vivo

uma ação cotidiana  
a janela enquadra  
o mundo  
mas como recorte-metáfora  
Abertura para sensibilizar  
e como sobre sua própria  
realidade

**JANELAS**

mapas  
que se abrem e que se fecham  
com a luz  
revelar o objeto  
desconhecido

**RELACÃO**

TRANSITO  
PROLISO  
PERCURSO  
INTENÇÃO

OSTENS  
FÍSICOS

TRECAR  
O FOCO

**PERDIDA**  
DÚVIDAS  
INCERTEZAS  
FRAGILIDADES

A DESCONEXÃO DO UTERO AGRAVA OS  
PROBLEMAS E GARANTE A AUSÊNCIA,  
ADAPTAÇÃO, INDIFERENÇA E EXPLORAÇÃO.

COMO BUSCAR FORMAS DE DESINTELER  
OS CORPOS. PARA SENSIBILIZÁ-LOS

INTERFERIR  
E SER INTERFERIDO

AJETAR E SER  
AJETADO

AO LONGO DO  
TEMPO

O DISTANCIAMENTO DE MENTE  
E CORPO ENQUANTO CONJUNTO

**ABRIR ESPAÇO**

qual  
mundo  
interferência  
de que  
meu o outro?

ESPAÇO  
CORPO

uma das coisas  
do dia-a-dia - pontos  
de conexão  
O CILINDRO é uma forma  
que constantemente muda  
a produção e o plano  
de conexão

COMPARAR  
COM O  
CORPO

COMO ESSE  
CORPO PODE  
INTERFERIR  
NO TERRITÓRIO

permitindo  
que o território  
interfira no  
corpo.

a gente é  
em relação a

A IMAGENS DE QUE JANELAS  
SÃO UM FOCO PARA O OUTRO  
OU QUANTO FOCAL  
ESTÁ FAZENDO DE LÍMITES, TRANSIÇÃO  
BORSA  
ESTÁ FAZENDO DO VALOR ENQUANTO  
PRECONCEITO.

Qual o elemento mínimo para abrir  
um lugar?

Qual abertura em si ligar pelo?

Também falar de palco  
um olhar político para a espacial-  
idade

Imagens e política do lugar

a prática não no objeto, na capacidade  
de transitar para a forma aparente e  
duplex, e de desbrincar sobre uma  
interferência de limites (mundo e corpo)

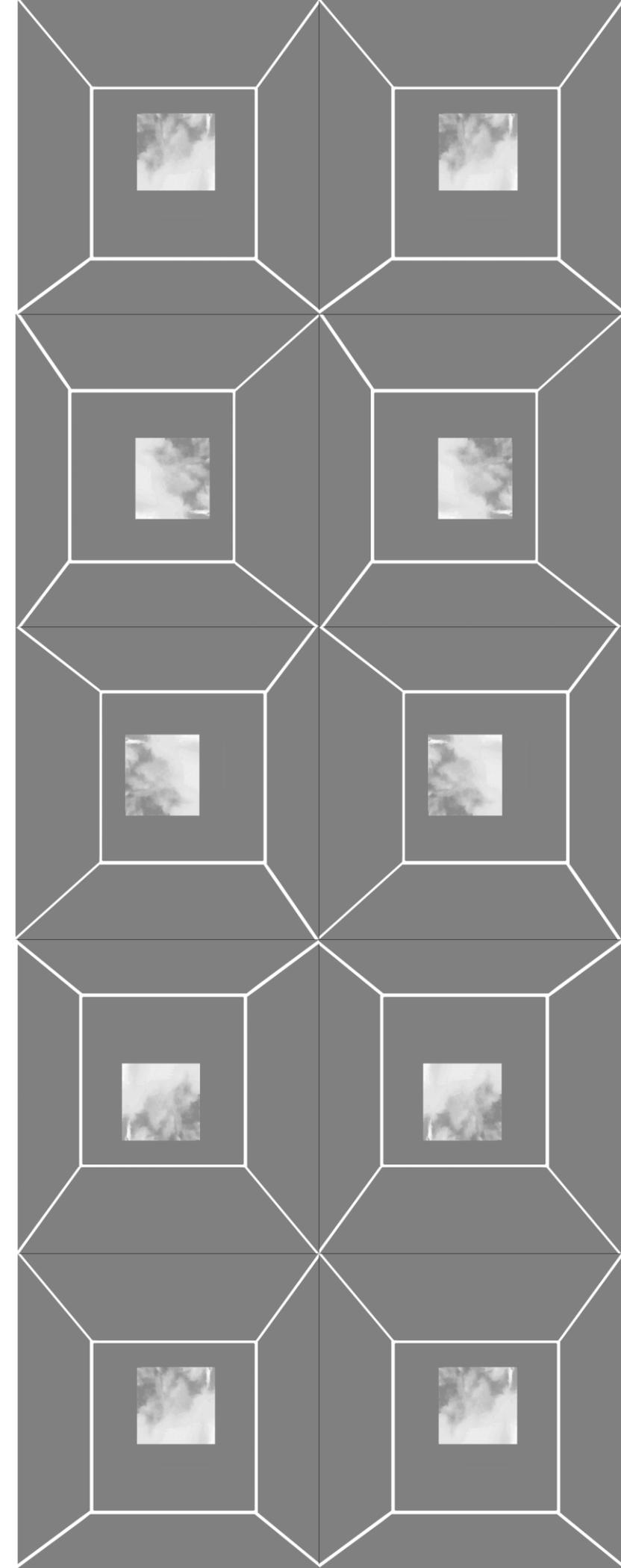
a capacidade de afetar e ser afetado  
dele no corpo e centrado no  
corpo e mente (como Latour)

Este trabalho de conclusão de curso será aqui tratado como o trabalho de *inclusão em curso* e o que lhes apresento se trata de um contorno, uma fronteira, um recorte de algo que vem sendo a minha escuta e minha vivência nesse processo de formação.

No início deste curso planejava investigar as construções simbólicas possibilitadas pela interação entre os habitantes da cidade com instalações efêmeras. Pretendia observar essa influência recíproca dos corpos que conformam as feiras de Florianópolis, entendendo que essas instalações esporádicas contribuem para a criação do imaginário de uma cidade a partir das apropriações de seus usuários. Quando essas relações deixam de ser individualizadas e passam a ter um corpo coletivo, elas também contribuem para a ressignificação de uma determinada espacialidade, a ponto de transformá-la em uma morada de memórias a ser habitada e reinventada por quem se relaciona com o lugar.

Entretanto, neste trajeto a rota se fez desobediente e vi minhas intenções desafiadas com a chegada da pandemia da Covid-19. A ressignificação da espacialidade ganhou outra dimensão, o espaço público esvaziou-se de suas práticas cidadinas para dar lugar a marcações no chão para indicar distanciamento mínimo de 1,5 metros entre as pessoas, correntes na entrada de estabelecimentos para limitar a passagem, sinalizações de "Aguarde do lado de fora para ser atendido", tótems de álcool em gel, medidores de temperatura, avisos de "Proibido entrar sem máscara", foram algumas das medidas tomadas para se tentar conter o contágio do vírus. Ao mesmo tempo em que, seguindo as orientações dos órgãos de saúde (OMS - Organização mundial da Saúde - OMS) e respeitando os decretos municipais, fizemos o isolamento social. Assim, o corpo coletivo passou a ser compreendido mais enquanto tela, que textura; os poros se fecharam e os corpos se isolaram. E assim, quem pôde, se manteve em confinamento.

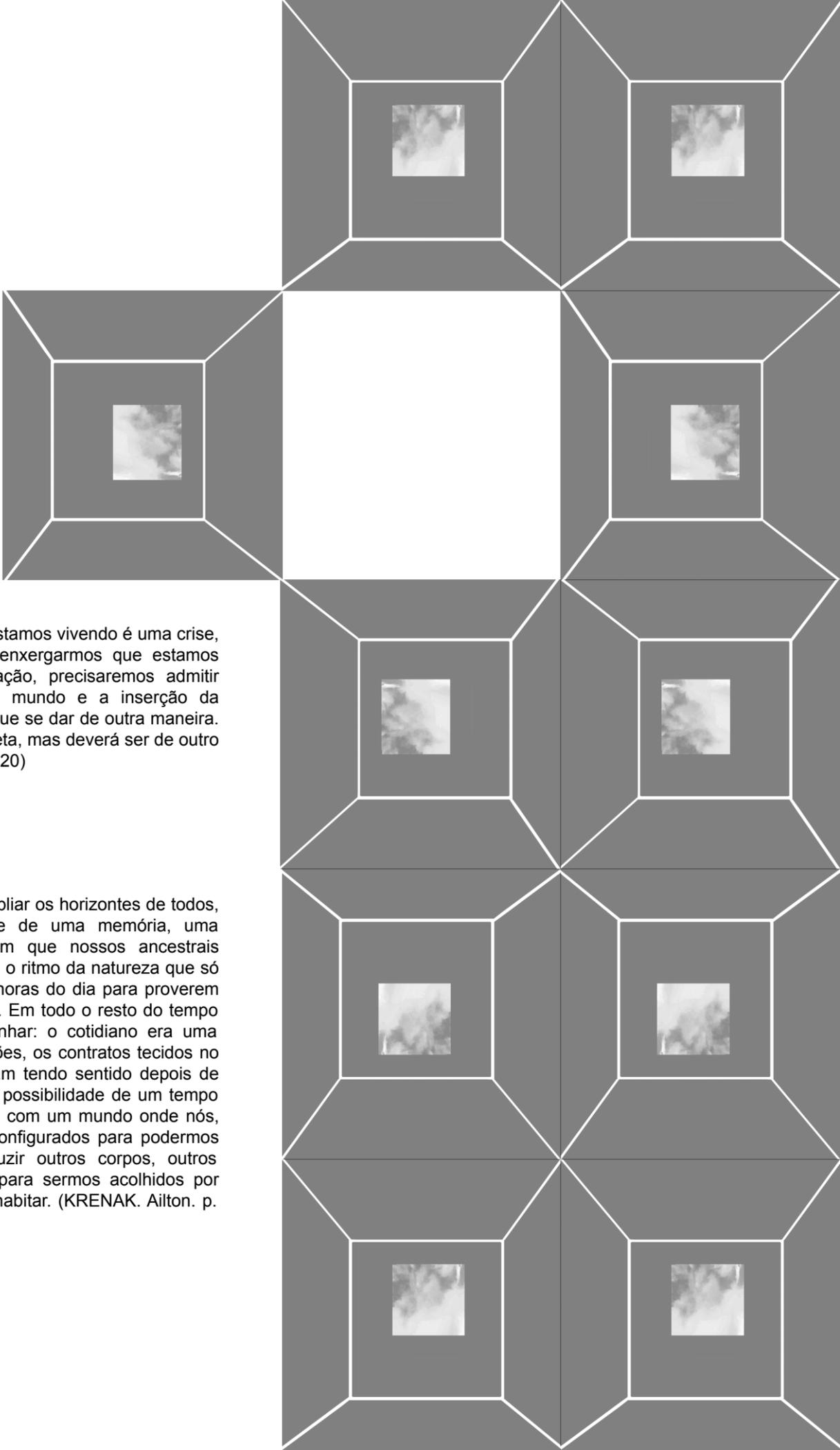
"Antes, isolar-se significava apenas construir um mundo particular para si, uma forma de sobreviver em meio a um contexto altamente homogeneizador. Hoje, isolar-se significa também cuidar do bem comum, pois quanto mais me isolo, mais ofereço condições para que outras pessoas possam estar vivas; quanto menos eu me exponho individualmente à pandemia, mais zelo pela coletividade". (SARAIVA, Luiz 2020, p. 430)



A partir dessa situação, passamos a fazer quase tudo de casa. Funções que antes eram destinadas à rua, ao público, passaram a ser desenvolvidas a partir dos lares: estudo, trabalho, cursos, encontros, confraternizações, alimentação, atividade física, compras... Salvo exceções, tudo passou a ser feito através da janela, da tela e do corpo confinado.

Para que o espaço íntimo pudesse ceder lugar às atividades de trabalho e estudo que adentraram a casa, foram necessárias alterações para garantir um local minimamente adequado para a realização dessas atividades. A mesa, onde há pouco foi servido o almoço, se transformou rapidamente em escrivaninha ou carteira de estudo. E, para aquelas pessoas que vivenciaram o isolamento social à sua maneira, foi preciso mover seus corpos para se adaptarem ao movimento da luz, dos sons, dos móveis numa coreografia imposta pela pandemia.

Dessa maneira, buscou-se construir um testemunho do tempo em que vivemos a experiência coletiva de nos fecharmos para as relações corpo a corpo com o desconhecido diante da iminência da morte, da perda de entes queridos e também da desesperança instaurada pelas crises ambientais, políticas, econômicas e sociais que impactam os corpos de diferentes maneiras, a depender do gênero, da cor e do recorte social. De todo modo, a crise que vivemos hoje e nomeamos de pandemia é sustentada por uma crise dos afetos.



(...) é claro que o que estamos vivendo é uma crise, no sentido de erro. Mas, se enxergarmos que estamos passando por uma transformação, precisaremos admitir que nosso sonho coletivo de mundo e a inserção da humanidade na biosfera terão que se dar de outra maneira. Nós podemos habitar este planeta, mas deverá ser de outro jeito. (KRENAK, Ailton. p. 22, 2020)

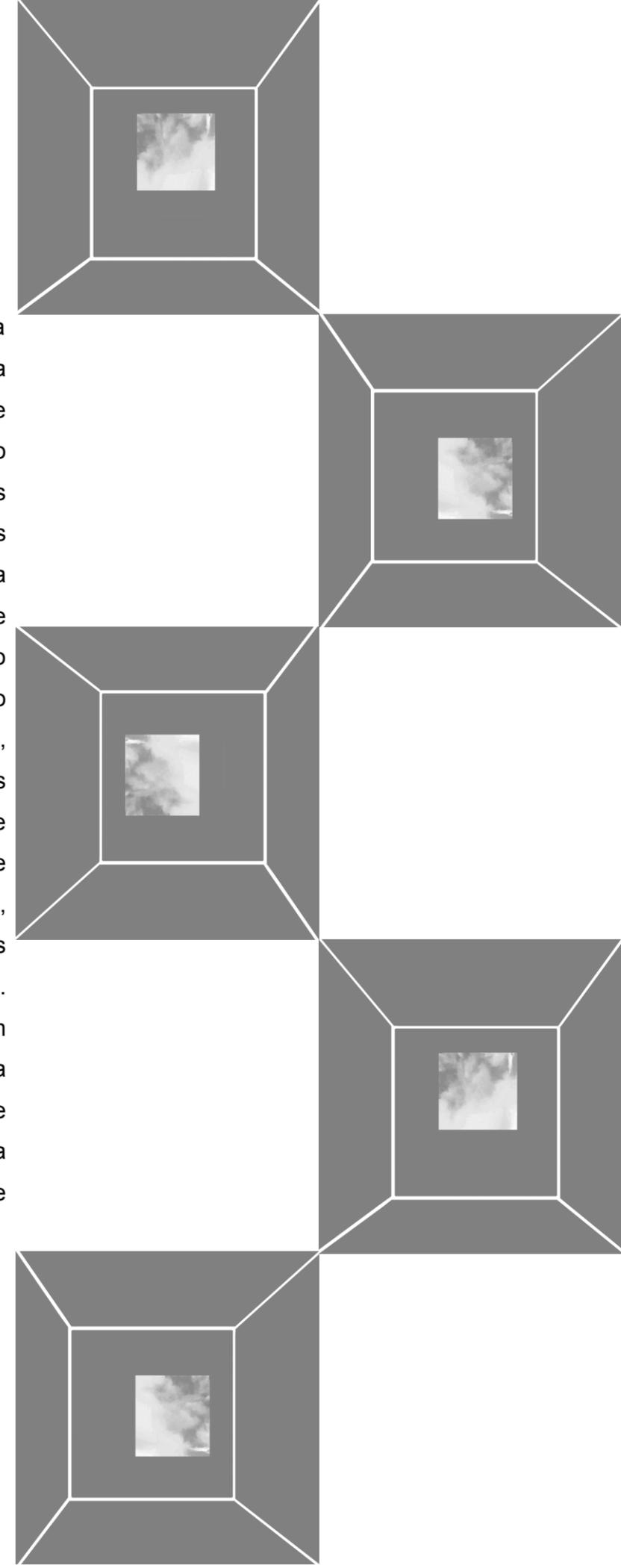
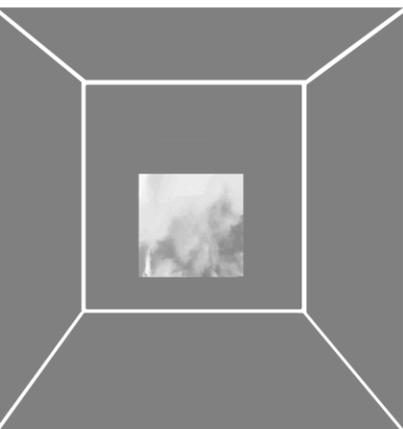
De acordo com Krenak,

Suspender o céu é ampliar os horizontes de todos, não só dos humanos. Trata-se de uma memória, uma herança cultural do tempo em que nossos ancestrais estavam tão harmonizados com o ritmo da natureza que só precisavam trabalhar algumas horas do dia para proverem tudo que era preciso para viver. Em todo o resto do tempo você podia cantar, dançar, sonhar: o cotidiano era uma extensão do sonho. E as relações, os contratos tecidos no mundo dos sonhos, continuavam tendo sentido depois de acordar. Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, temos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos por esse mundo e nele podermos habitar. (KRENAK. Ailton. p. 23, 2020)

Um novo motivo nos faz abrir mais janelas: o medo. Para garantirmos a depuração do ambiente, abrimos a janela para possibilitar melhor a circulação do vento e quase sem querer, com a intenção de quem teme, nos abrimos ao acaso que mora do lado de fora do nosso alcance. Salvo os pontuais dias de visitação ao centro, para abastecimentos e resoluções de problemas, passamos a praticar a cidade por longos períodos restritos à esfera íntima da arquitetura. Quase como se a fronteira entre a arquitetura e o urbanismo se desse através dessa janela, física ou metafórica, que distingue e conecta o privado do público.

A película que cria as condições da existência de um “dentro” em relação a um “fora” pode ser percebida pelo corpo como mais uma de suas camadas, o paradigma que nos faz associar corpo àquilo que possuímos da pele pra dentro é orientada pela ideia de indivíduo como um ser dissociado do seu meio, No entanto, quando estendemos essa compreensão para dar status de corpo também às camadas da casa, do bairro e da cidade, podemos expandir nosso território existencial para habitar a possibilidade de afetar e ser afetado.

A pandemia tem nos forçando a experienciar deslocamentos dessa fronteira entre dentro e o fora, entre o lugar onde performamos a nossa cidadania e o ambiente íntimo onde, literalmente, estamos seguros para tirar máscaras. Quando nos comunicamos com o vizinho através de uma janela estamos praticando a cidade de dentro da nossa esfera privada e, de certo modo, gerenciando a distância do outro sobre nosso território. No entanto, escapamos dessa lógica diante das janelas virtuais, em que o espaço íntimo não mais se torna sinônimo de segurança, uma vez que estamos envoltos por câmeras, telas, microfones e demais aparatos que nos conectam, mas que também nos vigiam. Assim, basta um deslize (como esquecer um microfone aberto ou a câmera ligada) para que a invasão do outro a nossa intimidade aconteça de forma abrupta, sem mais a distância que me garanta certo grau de segurança.

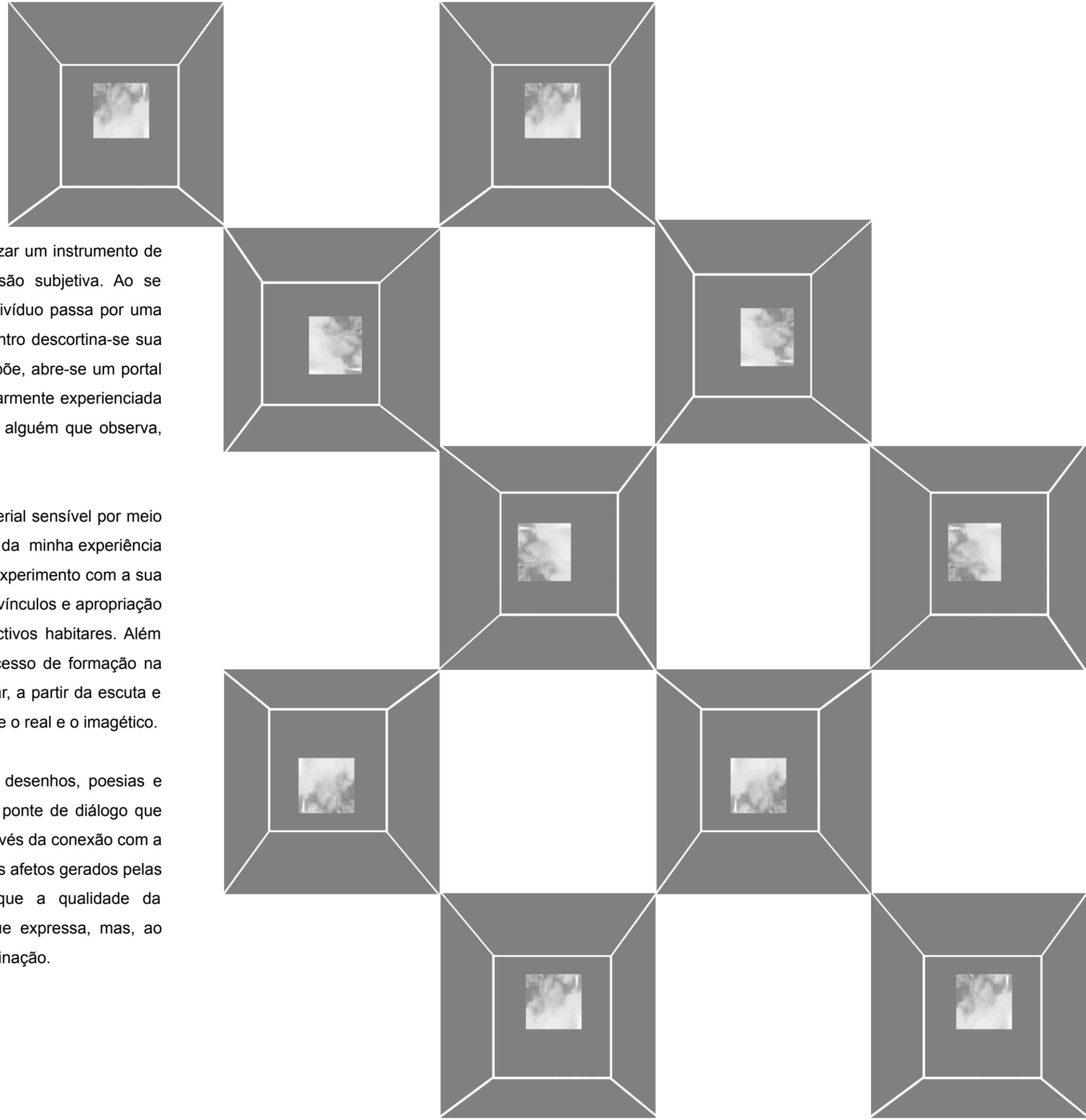


## APRESENTAÇÃO

Lanço o questionário como forma de disponibilizar um instrumento de aproximação do vivente com a sua própria dimensão subjetiva. Ao se perceber observando o que da janela lhe afeta, o indivíduo passa por uma escavação da sua própria paisagem. De fora para dentro descortina-se sua realidade levando atenção a cada detalhe que a compõe, abre-se um portal para o território de memória, afetos e reflexões singularmente experienciada por cada pessoa que se propôs ao deslocamento de alguém que observa, para alguém que porosamente venha a absorver.

E a intenção deste trabalho é construir um material sensível por meio da estruturação de uma narrativa de modo que a partir da minha experiência subjetiva com o espaço possa convidar o outro a um experimento com a sua própria subjetividade e, assim, fomentar a geração de vínculos e apropriação criativa de quem me escuta, ou lê, com seus respectivos habitares. Além disso, há o desejo de refletir sobre meu próprio processo de formação na faculdade de arquitetura, como alguém que busca criar, a partir da escuta e ativação de espacialidades, um canal de conexão entre o real e o imagético.

Por intermédio desta narrativa, saem também desenhos, poesias e reflexões da observação do cotidiano. Sendo essa a ponte de diálogo que estabeleço para fazer a minha leitura de mundo. É através da conexão com a dimensão do sensível que ensaio aproximações com os afetos gerados pelas janelas da pandemia. Pallasmaa (2011), afirma que a qualidade da arquitetura não reside na sensação de realidade que expressa, mas, ao contrário, em sua capacidade de despertar nossa imaginação.



Entendo que vivemos numa sociedade que vai na contramão desse estado de fluir livremente. Afinal, estamos passando por um processo desenfreado de controle da nossa experiência singular e coletiva. Essa experiência é intencionalmente controlada por um sistema que aprisiona e limita nossa relação de vivente no mundo. Suely Rolnik, psicanalista brasileira, vai chamar esse sistema de um regime moderno ocidental-colonial-capitalístico que gera um inconsciente cafetinado. Ou seja, é da própria vida que o capital se apropria, da sua potência de criação e transformação. Dentro desse regime, a subjetividade é reduzida à experiência do sujeito.

Dessa maneira, entramos em um modelo de produtividade que suprime a possibilidade de um mundo sensível. Que enxerga no sentir a fraqueza e no pensar a "força". Assim, a nossa subjetividade é construída junto a esse modelo, que silenciosamente direciona nossos desejos para práticas de anestesiamento através do consumo exagerado de produtos, informações e falsas necessidades. A produção de seres individualizados pelo capital coloca os demais seres como ameaça ao nosso lugar social.

No livro, *Esferas da Insurreição*, Rolnik afirma que todo regime se trata de um modo de subjetivação sem o qual ele não se sustentaria. E defende que para pôr abaixo esse modelo não basta apenas uma luta na esfera macropolítica, mas na apropriação daquilo que de fato se deseja:

(...) há modos de vida que, na maior parte de suas ações e de seus pensamentos, afirmam o modelo, e já outras que são marcados fortemente por processos de experimentações e desvios que forçosamente criam dissonâncias. E essa diferença entre vidas conformes e vidas disformes em relação ao modelo colonial e patriarcal não é neutra, tampouco mero efeito do contexto social: Ela é política, mesmo que inconsciente. O próprio viver, portanto, no resultado da maior parte das suas ações e ideias, pode corroborar ou não para que regimes perversos de acumulação da terra, dos bens de produção e das possibilidades de consumo não cessem de existir. É nas menores coisas, na soma das práticas, no dia a dia, que são instituídos ou desfeitos os sentidos hegemônicos. É nos modos de vida que a micropolítica é instaurada, distinta, mas inseparável da macropolítica. (GUIZZO, 2019, p. 113)



A intenção que perpassa o caminhar do trabalho é a de refletir acerca do campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo. Assim, ao longo do processo, pude perceber que as reflexões surgiam em momentos de encontro do meu próprio corpo com seu estado de observação ativo, ou corpo-poroso, junto a um território, sendo esse território a segunda camada que habito, portanto minha segunda morada.

Na geolocalização desse território, que não é só palco da vida, mas que também estrutura e dá sentido à própria existência, há também coordenadas de tempo que nos contam em qual contexto histórico aquele encontro se apresentava.

É sempre através de um território que se dá o encontro entre o meu corpo-morada-primeira com outros corpos e suas bagagens territoriais. Desses encontros saem entendimentos da vida, se conhecem pessoas que se desvelam através dos seus hábitos e nos contam como são suas moradas-mundos. Assim, cada encontro com um corpo é também o encontro com um território cartografado através dos seus gestos incorporados, dos seus apreços estéticos, da sua relação com a terra e com o alimento, com seus meios de locomoção. Também através da linguagem, idiomas e sotaques, das velocidades com que esse corpo caminha e das formas que celebra a vida.

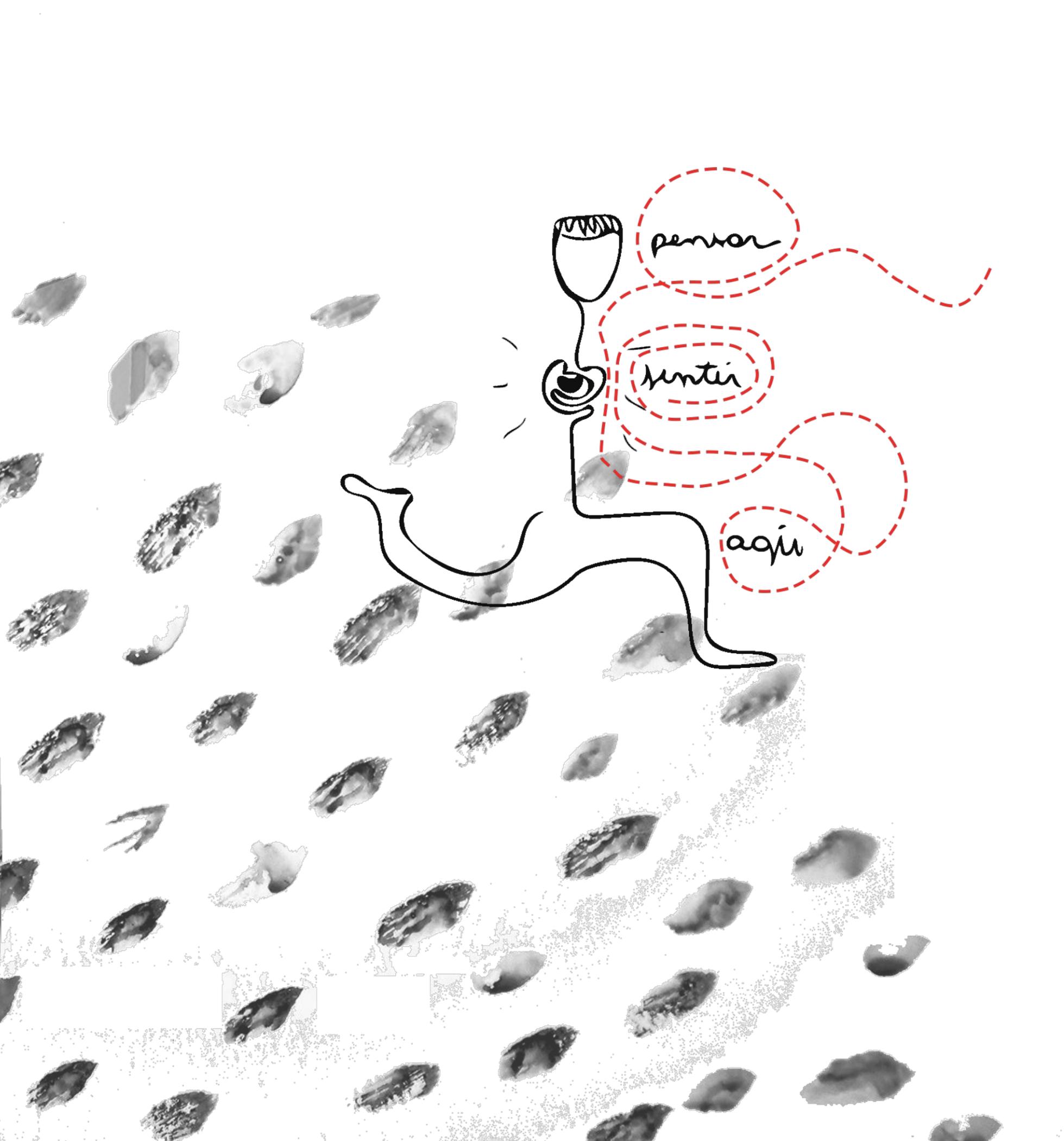
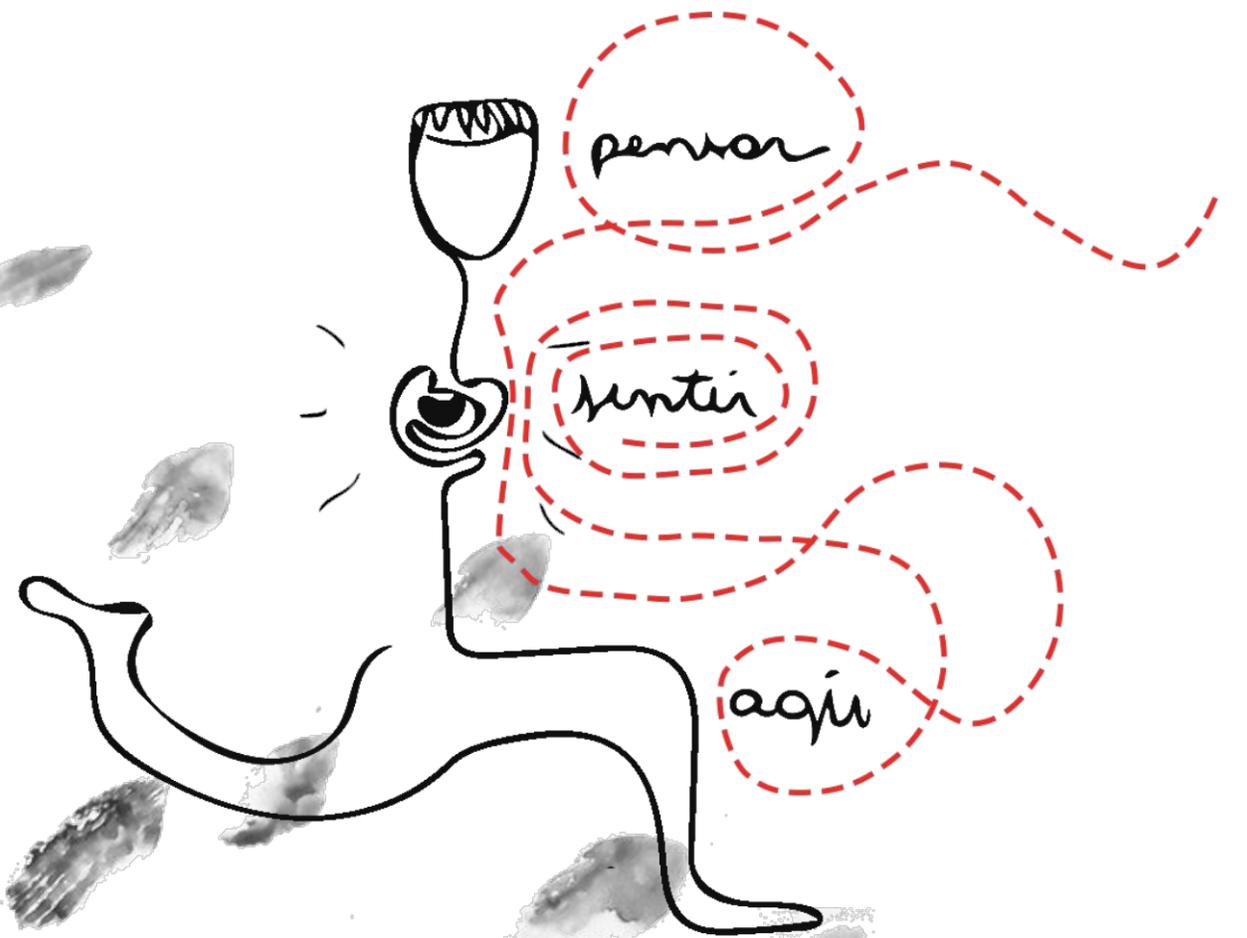


Sempre gostei muito do ato de escutar, prestar atenção, observar e apreender o mundo através de como ele se apresenta pra mim. Em sua maioria através desses encontros, ora passageiros ora frequentes, são, sobretudo as pessoas ao meu redor que me motivaram a investigar as correlações que existem entre corpos e seus respectivos territórios existenciais, o que me leva a acreditar que estamos num território, bem como entender como ele compõe o espaço social da arquitetura, que não se reduz às características físicas do espaço construído, pois tudo que escapa é um meio de intermediação entre o corpo e o território.

Quando vejo grandes edificações chegando em territórios onde antes haviam casas de quintais largos e fartos, vejo também chegando de cima para baixo um modelo que impõe novas dinâmicas da vida cotidiana. Esses novos hábitos vão sendo incorporados pelos corpos que ali circulam pouco a pouco com mais pressa, se acostumam com o barulho e a fuligem dos veículos, com as intensidades luminosas que ofuscam as fases da lua. Novos hábitos vêm junto com grandes prédios. Já não se enxerga quem habita por trás dos apartamentos ou circula em seu automóvel. Pouco a pouco, os corpos vão se escondendo dentro de carros, torres e telas, sendo apagados pelos aparatos desenvolvimentistas. A supressão do corpo e do tato nos enrijece ao ponto de naturalizarmos os excessos.

Assim, a essência motivadora deste trabalho veio de uma vontade profunda de evidenciar o corpo como parte integrante da arquitetura. O corpo é a morada da memória, dos sentidos e da subjetividade tanto quanto a casa é morada do corpo, é o refúgio, a proteção, o acolhimento. O concreto como morada do inconcreto, o subjetivo habitante da materialidade.





O método utilizado nesse trabalho tem caráter experimental e apoia-se em 3 esferas de captação do mundo: do pensar, do sentir e do agir. Dessa maneira, o pensamento cedeu lugar para que, através do sentir, pudesse estruturar novos modos de ação.

Bem como se utiliza de fundamentos no pensamento rizomático e cartográfico de Deleuze e Guattari, que abarca desvios e também experimentações, trazendo na sua forma policentros expansivos com radiações multidirecionais. Criam-se associações e conexões entre os temas onde cada fragmento ou parte corresponde ao todo e o todo corresponde a parte do fragmento.

Muitas foram as fases experimentadas ao longo do processo que, sucessivamente, me permitiram migrar de etapa em etapa. Sendo a definição do tema global do trabalho, o de tratar dos afetos gerados pelas janelas da pandemia, um eixo direcionador diante de reflexões que antes estavam inviáveis de aterrissar em um território.

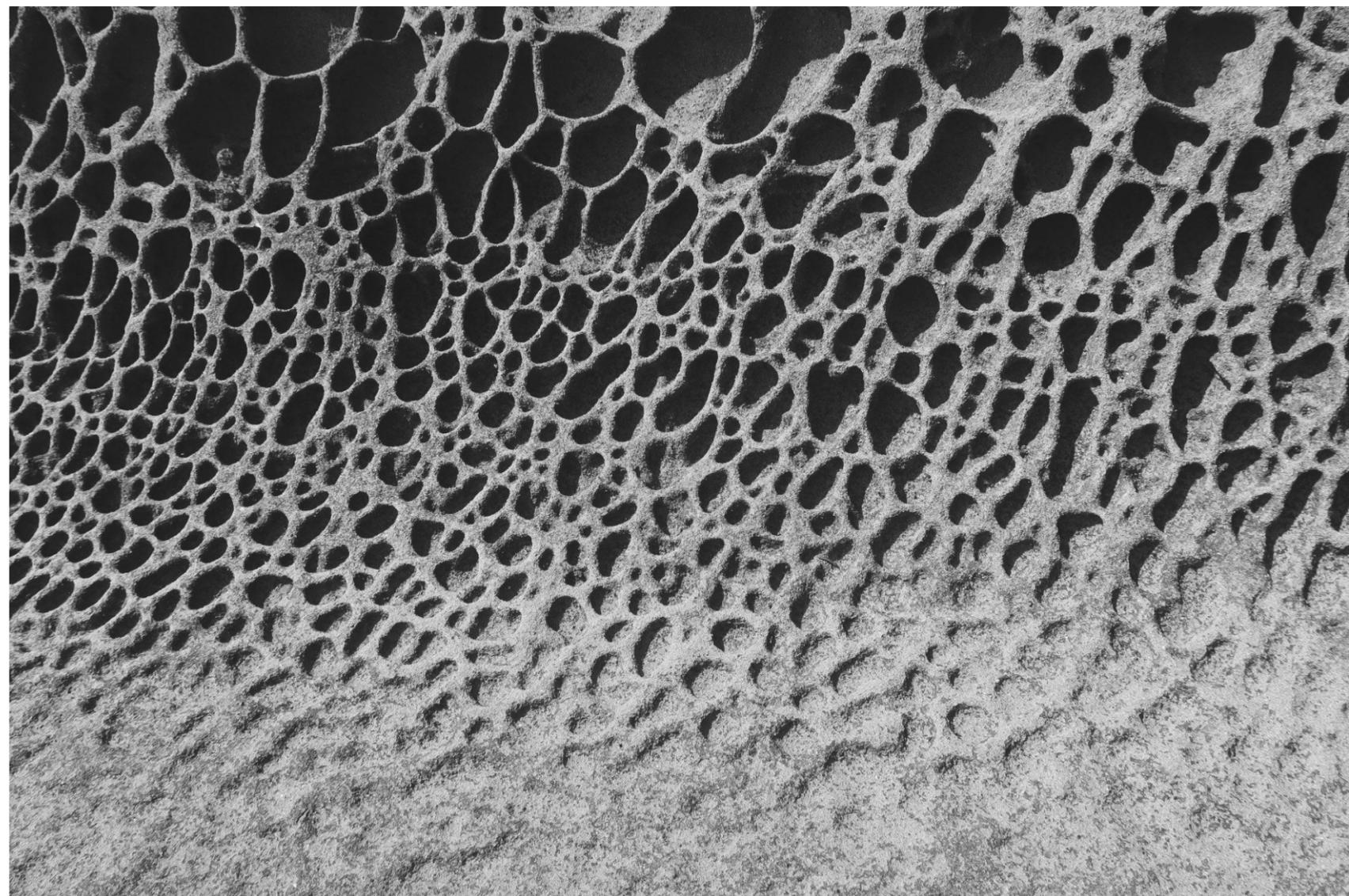
Por isso, se fez necessário situar no espaço aquilo que se pretendeu compartilhar. Ao aguardar respostas, dos gentis colaboradores, que voluntariamente dedicaram uma fatia do seu tempo para refletir, retratar e compartilhar os afetos que lhe foram despertados, tomei tempo para experienciar a pergunta levantada aos participantes acerca dos afetos gerados pelas janelas da pandemia. Percebi que cada item do questionário suscitou em mim a vontade de encontrar respostas e, assim, fui me transformando também num indivíduo da pesquisa. Por ser um experimento, a história aqui contada retrata os fragmentos do caminho percorrido.

Dentre as leituras realizadas durante o processo, pontuo aquelas de mais destaque como Reativar Territórios: o Corpo e o Afeto na Questão do Projeto Participativo, da arquiteta Iazana Guizzo (2019), Esferas da Insurreição, da psicanalista Suely Rolnik (2018), bem como tradicionais estudos da Fenomenologia através da Poética do Espaço do Bachelard (1993), e Fenomenologia da Percepção de Merleau Ponty (1999).



Por muitas vezes olhei para a fotografia ao lado e compreendi ser ela o reflexo do caminho a percorrer. Imprimi os relatos e imagens, separei escrita e desenho, li, observei, espalhei, juntei, distribuí, arguí. Intuitivamente me permiti ser levada a evocar um olhar sensível para a arquiteta que habita em mim e, só então, fui capaz de enxergar as múltiplas conexões existentes entre as janelas.

A cartografia, conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995), assume, na pesquisa de intervenção filosófica, as feições de um método pelo qual o pesquisador não utiliza procedimentos prontos e acabados, mas constrói no percurso das atividades os seus próprios procedimentos. É uma forma não diretiva de trabalho que possibilita uma mobilidade de ação no contexto de atuação do pesquisador. Trata-se, pois, de um método flexível, aberto, e, por isso, pode contribuir na pesquisa de intervenção filosófica, uma vez que dá condições ao pesquisador de criar possibilidades de ação no decorrer da sua investigação. (MOURA; OLIVEIRA, 2020).



E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

O poema *José*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado inicialmente em 1942, traduz o sentimento de abandono e solidão do indivíduo na cidade grande, a sua falta de perspectivas e a sensação de se sentir perdido na vida, sem saber o caminho a se tomar. Retrata, de alguma forma, o fim de um tempo bom e o início de uma fase de asperezas rumo ao desconhecido.

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde – OMS qualifica a COVID-19 como uma Pandemia (do grego *pandemias*, que significa “todo o povo”). Este termo refere-se à distribuição geográfica de uma doença e à sua capacidade de contágio e disseminação pelo planeta. (OMS, 2021).

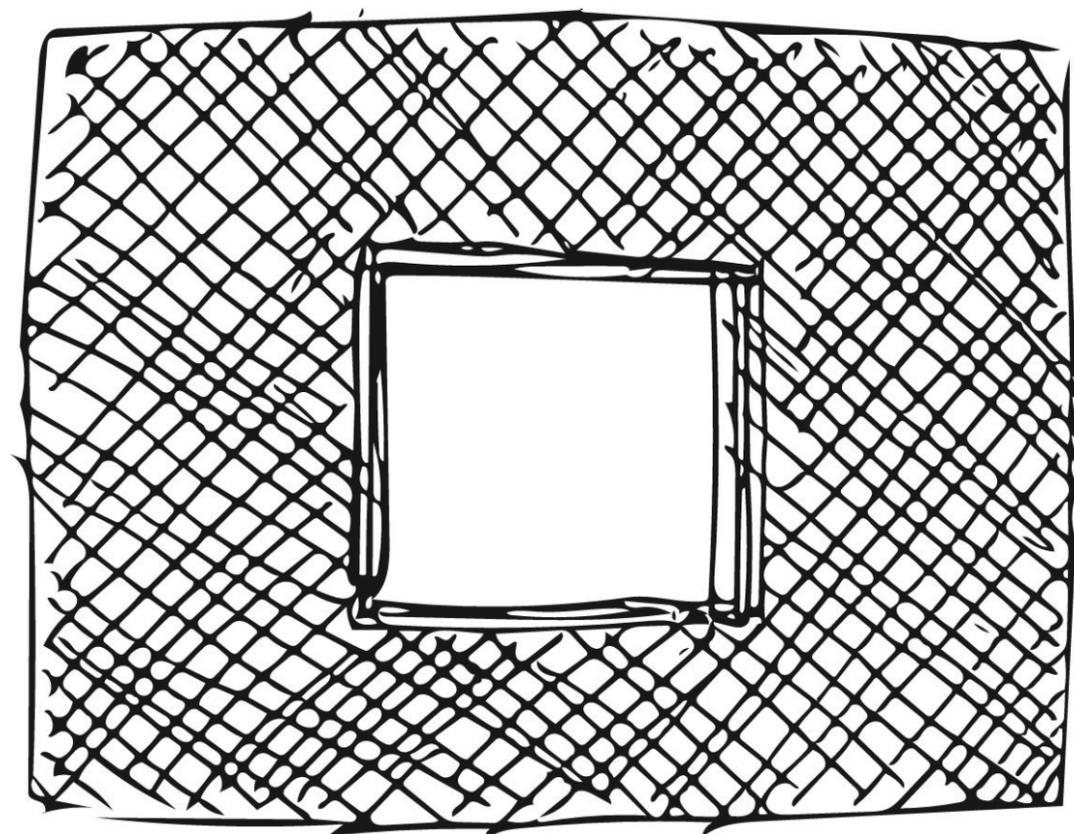
Muitas foram as medidas sanitárias adotadas por países e seus governos. Em pouco tempo o álcool gel estava em quase todos os estabelecimentos, a máscara em quase todos os rostos e o receio ou medo, em quase todos os corações. A mudança do comportamento humano se evidencia tanto externa, quanto internamente. O distanciamento social estava sendo implantado nas empresas, nas vias públicas, nas residências e lares. O abraço deu lugar ao aceno, o sorriso ficou escondido, o convívio limitado – na maioria dos casos – às residências.

Imagino que cada pessoa tenha vivido a sua própria inquietação pandêmica diante dos primeiros meses em reclusão total. Durante esse período houve agravamentos das crises já existentes, como crise econômica, política, social, crise ambiental, dentre tantas. Bem como uma crise de afetos que implicou em prejuízos na saúde mental da população.

Neste contexto, não caberia mais falar da feira, das igrejas ou dos espaços públicos enquanto a única possibilidade disponível de experiência era a minha casa.

As indicações para ajudar a frear a propagação da covid-19, além da vacinação, incluem boa higienização, uso de máscaras, distanciamento social e também a ventilação dos ambientes. Como sabemos, a pandemia tem aprofundado desigualdades sociais, o que fica visível quando pensamos no acesso e possibilidade de pôr em prática todas essas orientações. Nesse sentido, coisas simples como poder habitar um espaço que garanta o mínimo de dignidade e possibilidade de se ter uma segurança sanitária se revela como um direito essencial e frequentemente negado.

Quem tem direito a uma janela, à ventilação, circulação de ar, sol, oxigênio, salubridade? Falar de direito à janela é dizer também do direito à moradia, o direito de ter uma parede erguida e firme o suficiente para suportar uma abertura em seu corpo.



Atualmente, as janelas virtuais estão sendo utilizadas em praticamente todos os aspectos da existência humana, oferecendo ao usuário a possibilidade de acessar lugares distantes, sem que o mesmo saia da frente da tela do seu dispositivo eletrônico. O que se mostrou como a solução dos nossos problemas durante a pandemia, nos abriu para um novo mundo que provavelmente não voltará atrás. *Lives*, cursos *on-line*, eventos, palestras e aulas remotas hoje alcançam lugares que antes desse momento, eram inalcançáveis na mesma escala massiva. Diante da impossibilidade e do medo de estar no espaço público, muitos corpos ficaram restritos às suas residências, podendo acessar a vida pública apenas conectando-se às redes.

Por outro lado, as janelas virtuais também criam abismos de exclusão social quando se tem em vista um país com baixos índices de letramento digital e baixo acesso à tecnologia. Apesar de abertas e com potencial democrático, as janelas virtuais estão fechadas para pessoas que não podem acessar a internet, seja por não ter ou não saber usar a tecnologia ou porque o serviço é muito caro.

Estima-se que no Brasil um, em cada quatro brasileiros, não possui acesso à internet. São 46 milhões de brasileiros sendo empurrados a tal abismo tecnológico (TOKARNIA, 2020), ao mesmo tempo em que o vício em redes sociais disparou na pandemia (PATZDORF, 2021).



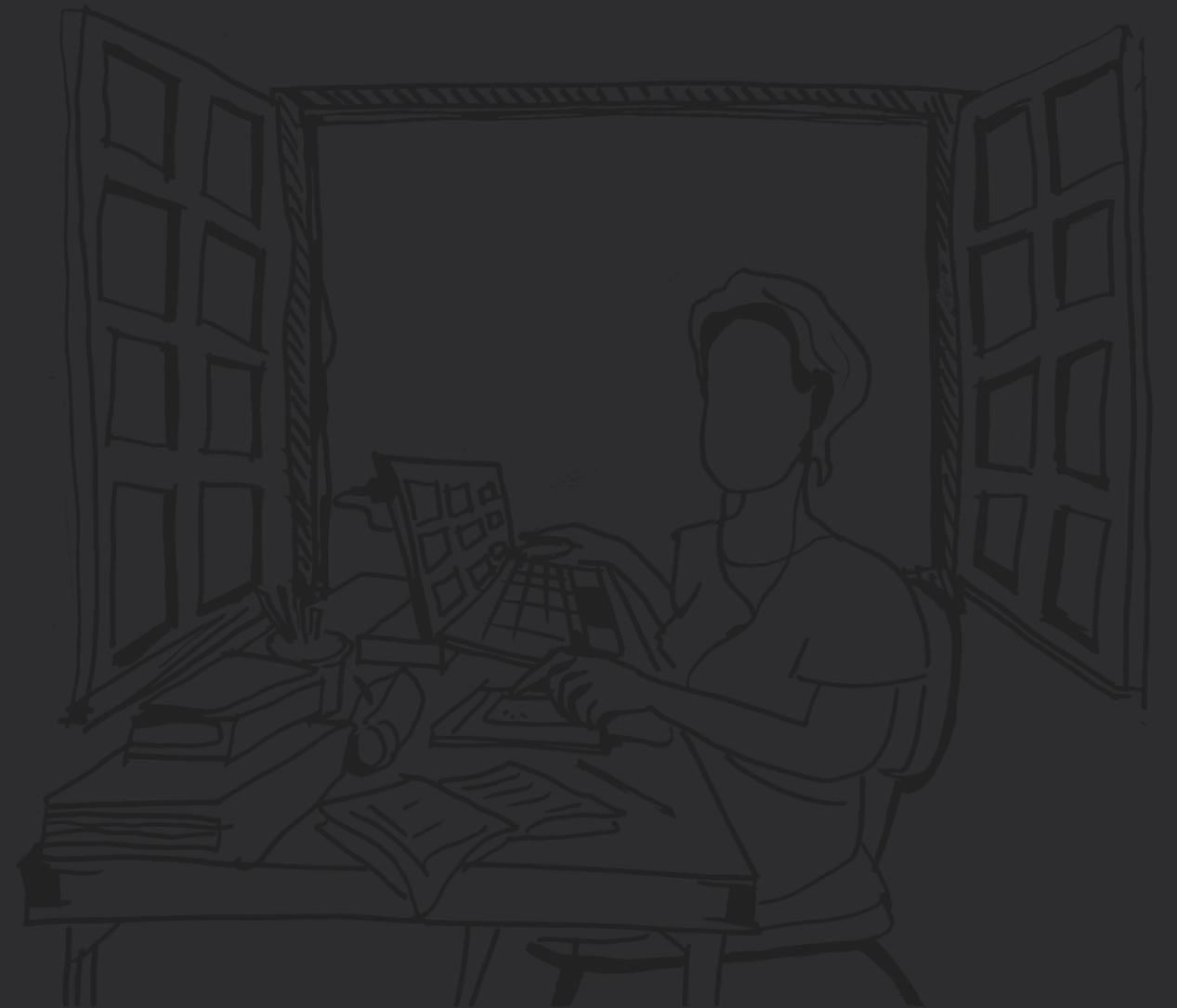
O vício em telas, isto é, a capacidade de se concentrar tão somente no principal dispositivo do capitalismo digital, revela que a dinâmica extrovertida das mídias esconde uma estratégia sutil de controle por meio da heteronomia dos sentidos. Ou seja, em troca de alguma recompensa narcísicas e hormonais, consentimos sensorialmente com um dos ditames do neoliberalismo: divertir-se para melhor obedecer/consumir.

Atualmente, o Brasil é o 3º país que mais utiliza redes sociais no mundo, destinando quase quatro horas diárias (1/6 de um dia inteiro) para administrar imagens e mensagens. É curioso notar que os três países mais adictos em telas (Filipinas, Colômbia e Brasil) estão todos no sul do globo terrestre e são considerados “países em desenvolvimento” (ou, em palavras menos cretinas, “países que ainda enfrentam as consequências econômicas e sociais do seu recente passado colonizado). (PATZDORF, 2021)

Com  
qual  
freq  
uên  
cia  
voc  
ê  
pára  
e  
apre  
cia a  
vist  
a?

Quanto tempo do seu dia você se  
decida às janelas virtuais?

Qual é a poética da sua  
janela?



A despretensiva casa que passei anos sem dar atenção, de repente me causou um total estranhamento quando já não estava mais ali. Uma nova paisagem aparece, perguntas como: porque demoliram? o que vão construir no lugar? porque só esse pedacinho de casa ficou para trás? A janela me ganhou na simplicidade, na sua resistência em meio às poucas coisas que se mantinham de pé. Ela era pequena, basculante, com os vidros quebrados à beira do estilhaço. Não é curioso que precisamos da parede para firmar a possibilidade de abertura? Em menos de uma semana veio o trator.

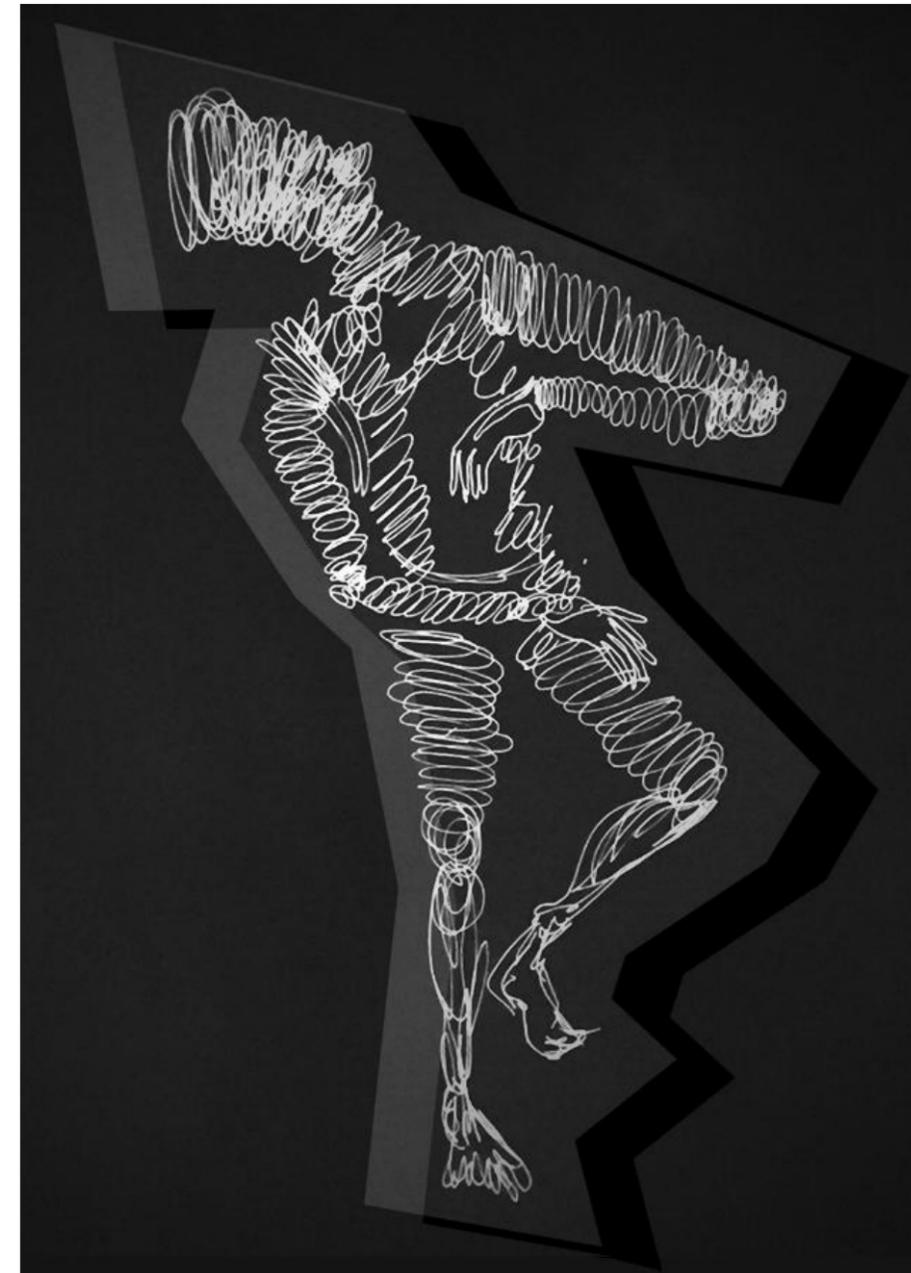
**Escombros da casa ao lado - Setembro 2020**



As janelas sempre me chamaram a atenção, e isso não é algo que diz respeito somente a mim, uma vez que cada pessoa dialoga e interage com elas à sua própria maneira. É justamente por essa qualidade da janela, de ser um elemento experienciado e de fácil alcance para a memória, que eu me interessei por adentrá-la.

Dessa forma, faço um recorte da relação entre as pessoas que estão fazendo o isolamento social e seus respectivos locais de confinamento. Mais precisamente, para saber qual janela estava afetando esses corpos durante o período da quarentena.

O fato concreto que me motivou a fazer esse trabalho foi que, certo dia, já passados alguns meses de isolamento, estava olhando fixamente para uma janela da casa. Se tratava de um olhar distante e estagnado pois eu estava parada na frente dela sentindo um descanso da mente, mas ainda a observava de um jeito desencarnado. Diante da sensação de estagnação, busquei mudar minha posição para experimentar deslocamentos de percepção. Deitei-me no chão, cheguei bem perto, olhei para cima, para baixo, vasculhei cada pedacinho dela e do que ela enquadrava. Parecia que a janela que estava sempre ali, guardava toda aquela irrupção de sensações a serem desveladas, bastando que eu mudasse de perspectiva e me abrisse àquela experiência. Entendi que movendo meu corpo eu conseguia estabelecer uma outra relação comigo e com o espaço, muito mais honesta e criativa. A partir desse momento, surgiu a vontade de saber sobre os afetos possibilitados pelas janelas da pandemia em outras pessoas.



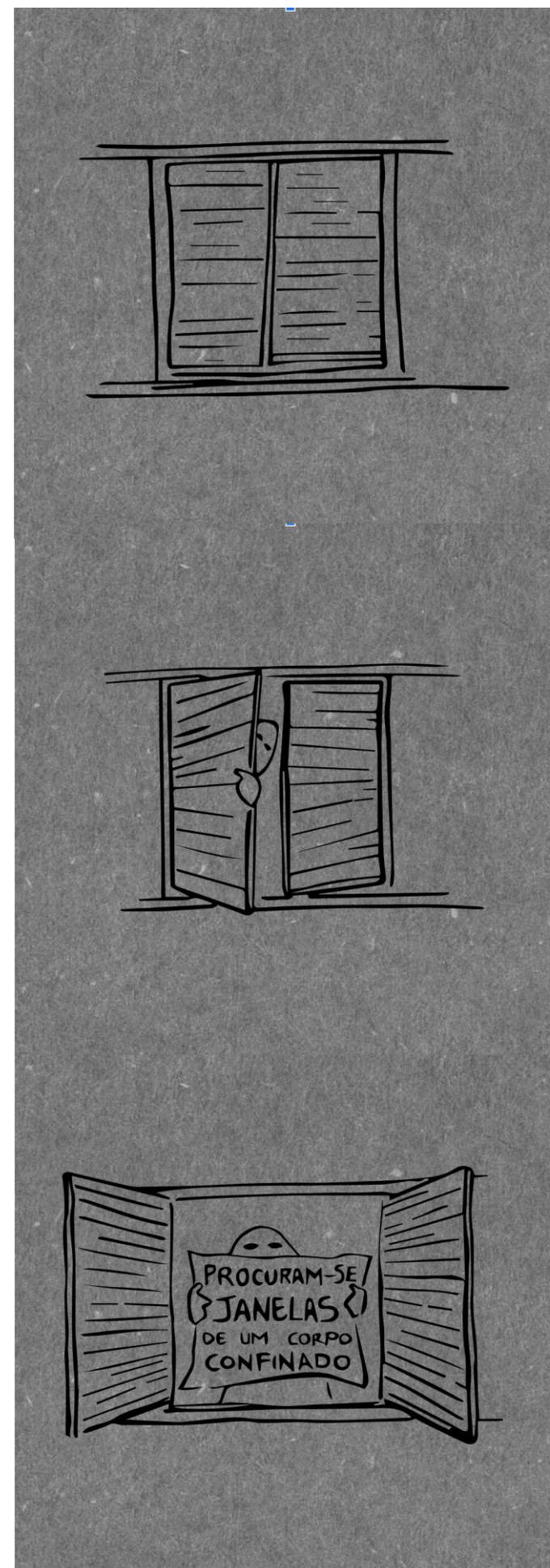
## PROCURAM-SE JANELAS DE UM CORPO CONFINADO

A plataforma utilizada para gerar o questionário auto-explicativo foi a do *Google Forms*, uma vez que se configura numa ferramenta capaz de sistematizar as informações coletadas, ampliar o alcance da pesquisa e permitir seu encaminhamento de um sujeito ao outro.

Além disso, este instrumento informa o recebimento das respostas sem a necessidade de estar atrelado às redes sociais e, ainda, possibilita que as respostas sejam enviadas respeitando o tempo de cada participante responder.

Foi priorizado na pesquisa a criação de um espaço livre onde o participante pudesse escrever sobre sua janela e os afetos por ela despertados.

A partir dessa intenção, foi encaminhado um GIF convite junto ao questionário, com as seguintes questões:



GIF enviado junto ao questionário

## QUESTIONÁRIO

### **Procuram-se janelas de corpos confinados**

Olá a todas e a todos que por aqui passarem!

Meu nome é Anastácia Bueno Campolina e este questionário faz parte da pesquisa para o Trabalho de (in)conclusão+em+curso em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Com este trabalho busco investigar as relações entre corpo+espaço e seus desdobramentos no campo da arquitetura e da arte. E, nesta pesquisa, pretendo fazer um recorte da relação entre as pessoas que estão fazendo o isolamento social e seus respectivos locais de confinamento. Mais precisamente, saber qual janela tem afetado esses corpos durante o período da quarentena.

A pandemia da Covid-19 tem provocado inúmeras transformações na nossa relação com o espaço. As esferas do público e do privado se mesclam e se confundindo de tal forma, que a moradia precisou passar por significativas adaptações. Exemplo disso foram as mudanças que aconteceram para a casa se tornar também o ambiente de trabalho, estudo, lazer e interação sócio-virtual.

Visto que a casa vem sendo palco de praticamente todas as nossas atividades, entendo que a janela está provocando novos afetos em nossos corpos. Por diversas vezes, ela é a fonte do nosso escape, fuga, fôlego, agonia, vislumbre ou incômodo. É através desta despreziosa ausência de materialidade que nos projetamos para fora do limite da residência e permitimos que o mundo externo adentre e contage o nosso corpo.

Dessa forma, a sua sincera contribuição neste processo investigativo (por meio do registro da janela e do relato) é muito importante para a realização deste trabalho.

Agradeço se puder colaborar!

### **01 - Qual o seu nome?**

Use um pseudônimo se preferir não se identificar.

### **02 - Você é docente, estudante ou profissional da área da arquitetura?**

- Sim
- Não

### **03 - Em que cidade e estado a janela se localiza? (ex.: Florianópolis, SC)**

### **04 - Essa janela é de qual lugar?**

- De onde eu moro
- Não é de onde moro, mas é da casa de meus familiares (onde estou passando a quarentena)
- Não é de onde moro, mas é da casa da companheira/companheiro (onde estou passando a quarentena)
- Não é de onde moro, mas é da casa de amigas/amigos (onde estou passando a quarentena)
- De onde eu trabalho
- Outro:

### **05 - Se a sua situação for mais complicada do que a pergunta anterior, me diga, onde você está?**

### **06 - A janela pertence a uma casa ou a um apartamento?**

- Casa
- Apartamento
- Outro:

## QUESTIONÁRIO

**07 - Você considera que esta janela gera em você um afeto positivo ou negativo? \***

- Positivo
- Negativo
- Ambos, positivo e negativo
- Outro

**08 - Me conte, o que motivou você a escolher esta janela? \***

Eu gostaria que neste campo você me contasse sobre os afetos gerados a partir da sua interação com a janela. Se referem a aspectos físicos (ex.: elementos construtivos; paisagem), aspectos sensoriais (como sons, temperaturas e cheiros) e, também, se esses aspectos têm relação com o campo da memória, se te remetem a alguém, ou a alguma lembrança/época da sua vida e, por último, caso essa interação seja uma forma de abstração da realidade, para qual lugar da imaginação ela te transporta? Vale tudo, desde descrição item por item a poesia inventada.

**09 - Me envie o registro da sua janela aqui! Vale foto/vídeo/áudio/desenho.**

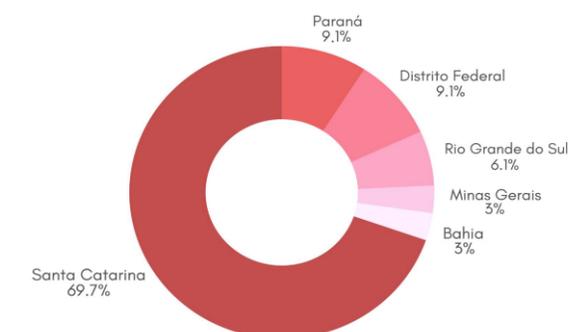
Caso encontre dificuldade em carregar o arquivo por aqui, me envie o registro com o seu nome para o e-mail: [umcorpoenjanelado@gmail.com](mailto:umcorpoenjanelado@gmail.com)

**10 - Caso tenha algo que gostaria de acrescentar ou comentar, este é o local.**

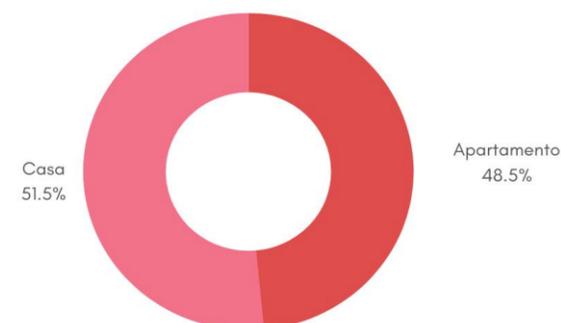
Houve alguma mudança de percepção do espaço? Observou algo diferente? Tiveram novas interações com a janela? Caso algo inesperado tenha acontecido depois desse exercício de aproximação, compartilhe aqui comigo!

## RESULTADOS QUANTITATIVOS

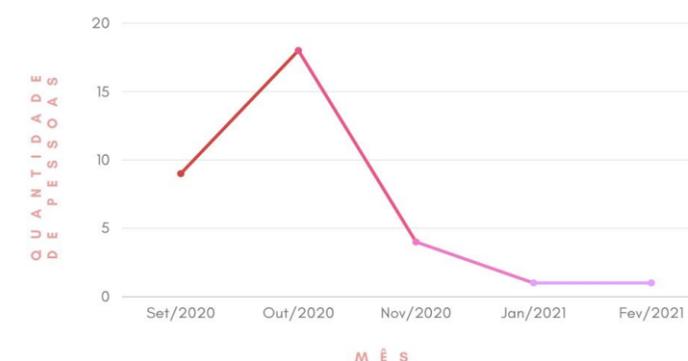
### PESSOAS POR ESTADO



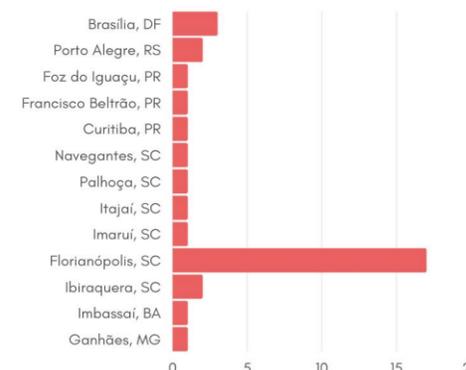
### CASA OU APARTAMENTO



### PERÍODO DE COLETA DE DADOS



### PESSOAS POR CIDADE



### AFETOS



ei, se quiser espiar todos os afetos, entra aqui!

Todas as janelas coletadas e os respectivos relatos podem ser acessados no mapeamento através do link:

<https://pt-br.padlet.com/entrejanelasefragmentos/wx4wbnn9f595dppd>

Anastácia • 7d

### Mapa das janelas e dos afetos da pesquisa de TCC

Localização dos afetos gerados pelas janelas da pandemia

Bom, essa é a única janela que eu tenho no quarto, e na verdade a minha kitnet possui só duas janelas, a do quarto e a do banheiro (basculante de alumínio), o restante de pontos de entrada de luz, e contato com os exterior são as

Anastácia • 7d

### Mapa das janelas e dos afetos da pesquisa de TCC

Localização dos afetos gerados pelas janelas da pandemia

A minha janela tem sido o único lugar nos últimos seis meses onde eu consigo tomar um banho de sol ou de lua. É por onde entra a luz e a brisa do vento. No entanto, a partir das 14h o sol bate diretamente na minha janela até o fim da tarde. O

Anastácia • 7d

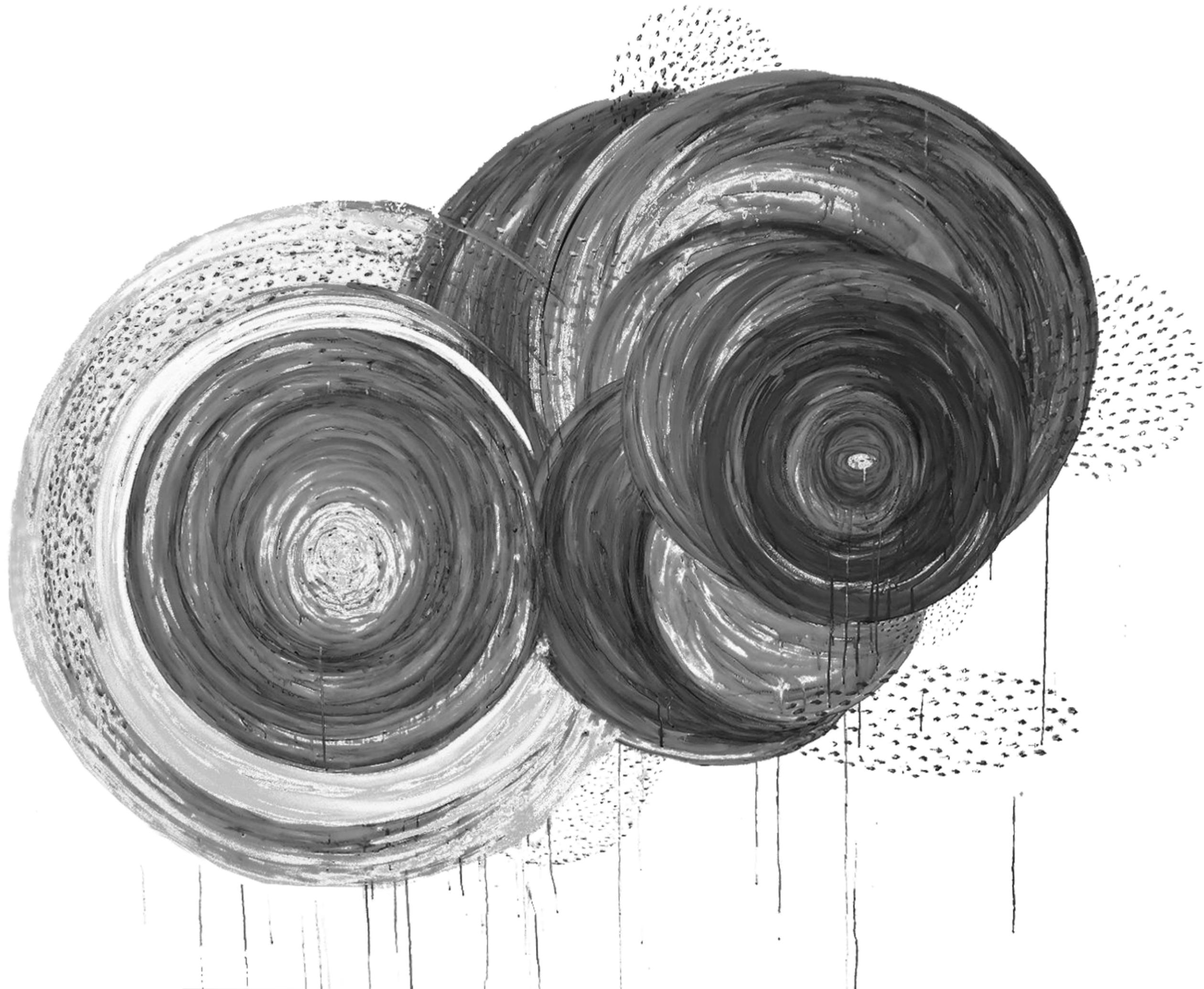
### Mapa das janelas e dos afetos da pesquisa de TCC

Localização dos afetos gerados pelas janelas da pandemia

Esta é minha única janela em um espaço de 30m2. Ela é única não só por ser somente uma, mas por ser realmente singular: tenho uma vista com a qual sonhei por muitos anos, a vista da água, das árvores e do pôr-do-sol. Essa janela tem sido meu ponto de escape há cinco anos e tem sido meu contato com a normalidade

O desenho portal foi feito a partir de um impulso. Logo após enviar o questionário das janelas fui tomada por tamanho entusiasmo que o papel em branco não foi suficiente para as tintas do meu transbordo. De repente virei em um gesto circular e pincelei a parede que estava logo atrás de mim. Em três gestos rápidos, me vi diante do que pulsava. Me deixei atravessada pela vontade de alcançar o plano da parede e eu, o pincel e o plano vertical dançamos em um gesto circular. Que veio a simbolizar o sentido de fazer um trabalho sobre janelas. Falar sobre aquilo que não pode ser visto, que apesar de serem feitas com quinas e bordas são, na verdade, a irrupção de fronteiras, a essência de um portal de passagem.

**Janela Gesto.** Aquarela sobre parede. Setembro 2020



*No sentido de me aproximar gradativamente de um trabalho em suspensão, sem chão, de me reconciliar com o conflito interno do não saber. Me aproximo devagar, porque daqui tudo é escuro e tatear, imperativo.*

Até então o que me movia era a curiosidade da pergunta “*quais são os afetos gerados a partir das janelas de corpos confinados?*” E de fazer desse questionário um convite à aproximação dos corpos com suas respectivas moradas, mais precisamente com as janelas. Fecho a coleta em fevereiro de 2021 e a partir desse momento busco compreender de quais formas poderia fazer a leitura do material.

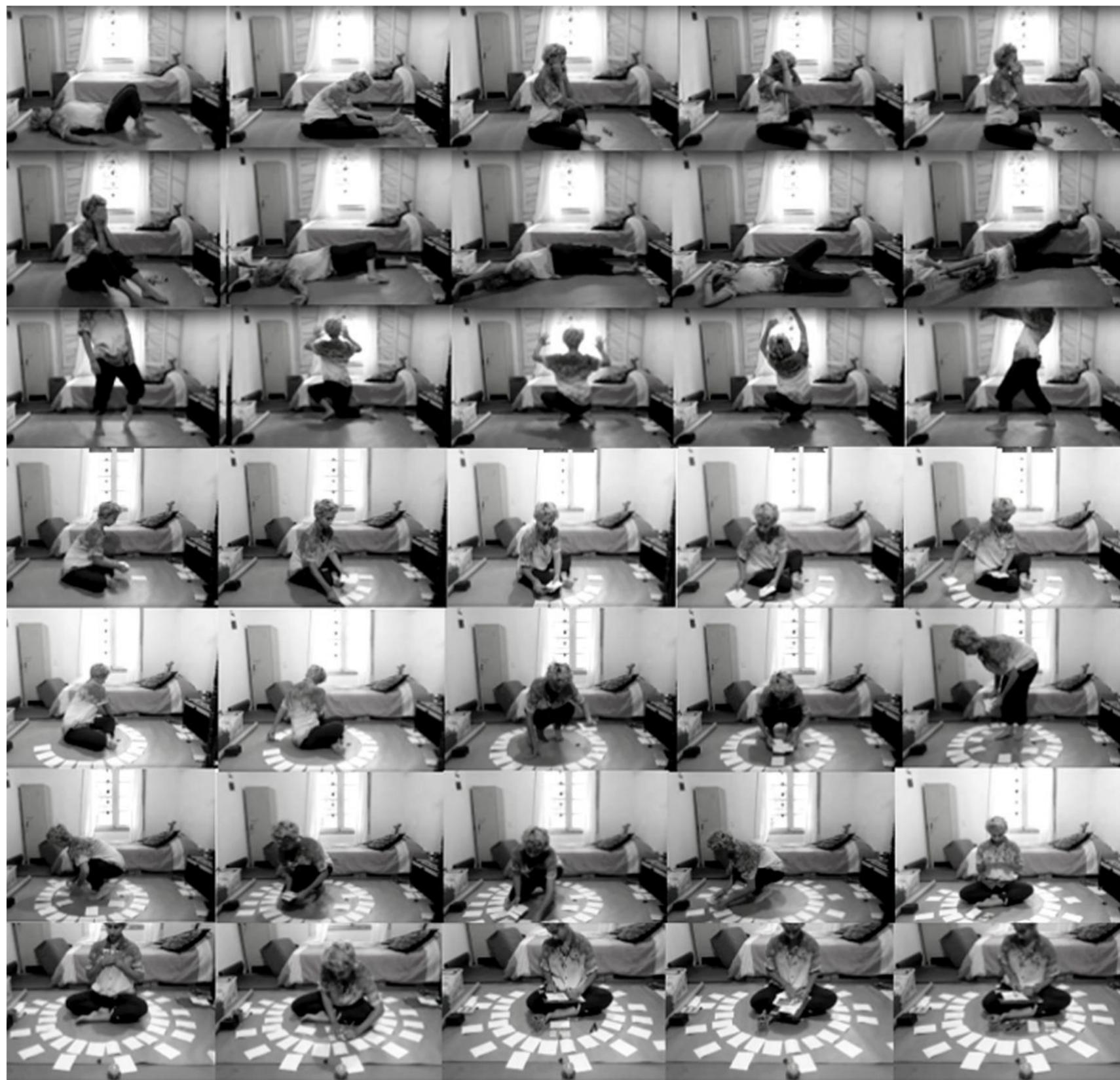
Tendo em vista que o trabalho dali em diante seria sobre as afetações geradas em mim a partir do contato com o material coletado, me propus a fazer uma aproximação cautelosa e sensível com o material. Cautelosa por compreender que existe um vício dentro do campo destinado a arquitetos e urbanistas de projetar sobre o futuro invisibilizando as potencialidades pré-existentes do território, conhecido também como a prática do arquiteto top-down que exerce seu autoritarismo transvestido de boa intenção quando percorre o caminho do projeto com o foco apenas no produto final e, assim, de pouco em pouco se acostuma a manipular o processo criativo suprimindo a possibilidade de desvios de rota que escapam à imposição das suas expectativas. E sensível, por criar um espaço para a escuta atenta através de práticas de sensibilização do corpo, permitindo que se adentre estados de percepções aguçadas.



Ilustração retirada do livro: *Desenhos Invisíveis* -Troche

*Abrir-se à delicadeza de perceber o máximo das miudezas. A pele tem apetite de textura, a quina que antes doía virou ponto de massagem. Viva dor de cabeça, a mesa está tensa. Como faz pra deixar zerada? pinto de branco? Me incomoda a cor bagunça, densos ruídos por toda parte. Observo a rachadura na fronteira do quarto como placas tectônicas em ruptura. Silhueta em rasgo mostra que esse solo é maleável e que sobe pelas paredes. É bonita a rachadura do quarto. Me remete ao movimento que subverte a falsa estabilidade da arquitetura. Coisas racham, quebram, vazam e a casa corpo também se move. Casa-corpo-vivo, oferece seu chão para que eu reconheça o meu próprio. Tudo é chão, parede é chão, todo apoio é chão, onde o corpo, essa matéria estranha, passa a ser percebida.*

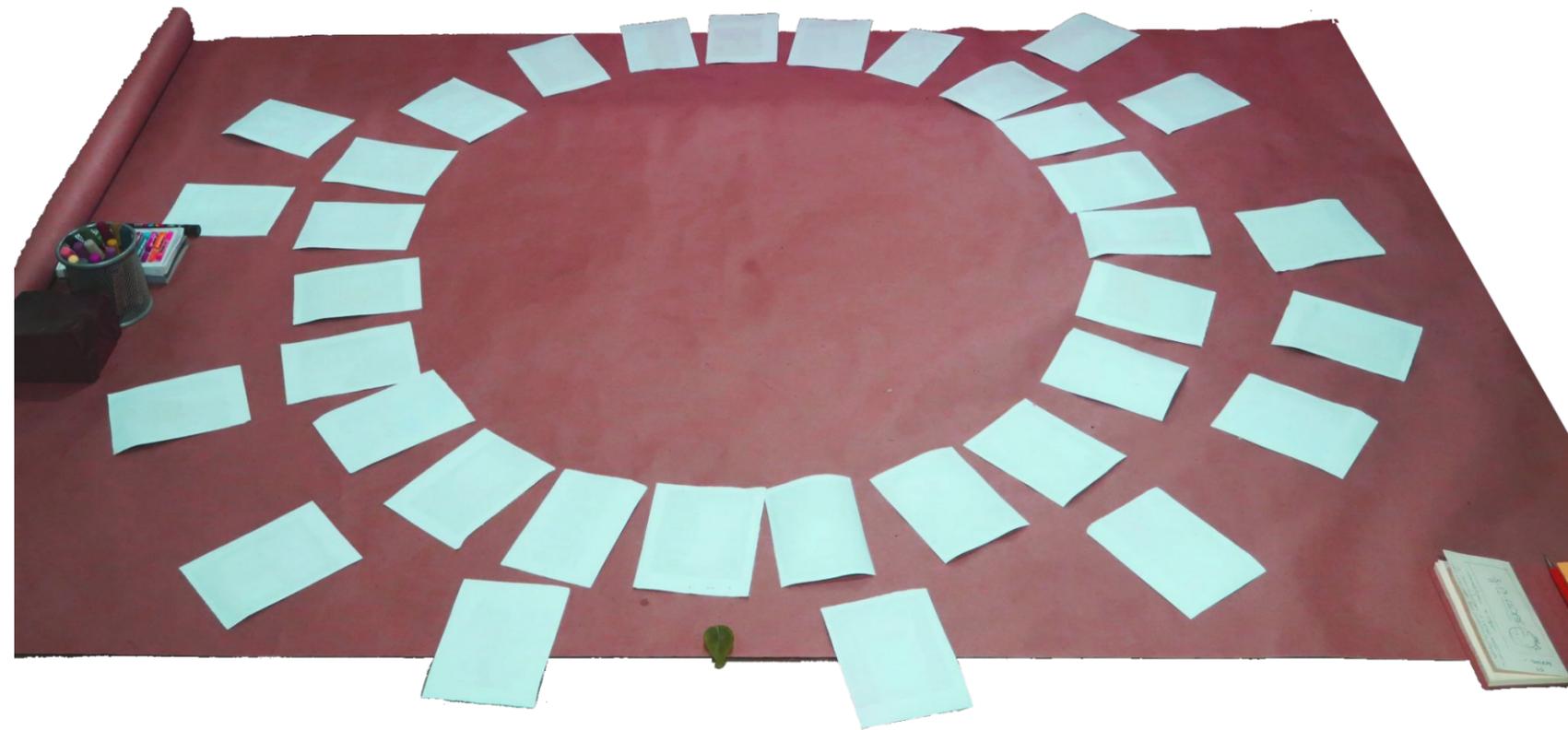
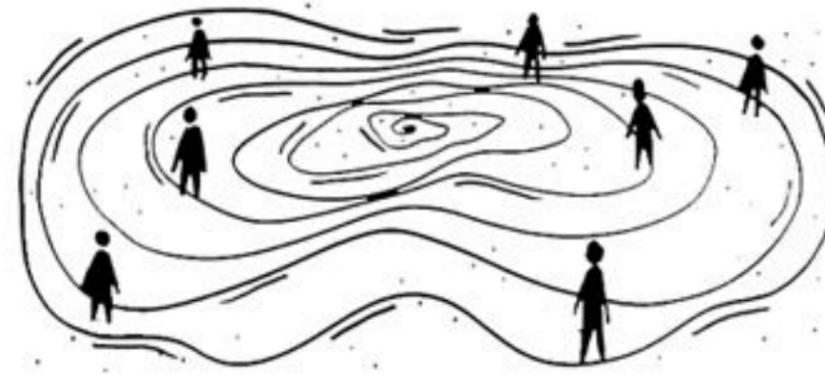
Nessa relação corpo-cidade-arte-política, as contribuições de André Lepecki (2014), nos interessam por colocar em pauta, no plano de composição em dança, uma política do chão. Como nos lembra o autor, o chão da modernidade é o terreno colonizado que inaugurou uma cegueira espacial. É preciso, então, afirmar uma “coreopolítica” aberta às fissuras do chão. Podemos dizer que a contribuição da política do chão opera uma mudança de eixo que se interessa pelo espaço de relação corpo-chão. A dança na relação corpo-chão se abre a uma experiência de “pôr-se com o mundo”. Lepecki usa a imagem do tropeço de Franz Fanon, que nos indica mover na horizontalidade do chão, abordando a possibilidade de nos despirmos da pretensão da verticalidade do sujeito moderno automovente, racional e individual. (Catarina Resende / Patrícia Caetano / Ruth Torralba/ 2018 - apud Lepecki 2014)



Dessa forma, a primeira aproximação acontece depois que tenho todas as fotografias impressas e empilhadas de cabeça para baixo, estendo um kraft no chão com a intenção de criar um contorno para a composição povir. Deixo de lado por um instante a pilha de fotografias a fim de antes sensibilizar o corpo para entrar em contato com seu estado poroso de apreensão, semelhante àquele que me fizera lançar o questionário. A fim de sair da verticalidade produtora hábito a horizontal do chão, fecho os olhos, aprofundo a respiração e desconecto a mente ansiosa de outros lugares para me permitir olhar para o cenário ao redor como se fosse a primeira vez que o visse.

Em seguida, trilho uma coreografia de percepção com o espaço, reconheço a janela, as aberturas e rachaduras do quarto uma vez mais antes de adentrar no material, como mostra a figura na página anterior. De modo intuitivo, volto aos registros e os disponho virados para baixo em um círculo sobre o papel pardo no chão, cujo centro era meu próprio corpo, (como na figura ao lado). Depois de dispô-las ao meu redor, percebi que estava diante de um jogo de cartas como um oráculo e, assim, me deixo ser guiada por certa estranheza que move, tirando uma a uma e guiada pela pergunta "o que eu vejo para além do que os olhos veem"?

Muitas das imagens foram capazes de me despertar memórias e antigos afetos, mesmo sem nunca as ter visitado. Dentre elas relato um exemplo de uma das janelas de Florianópolis, com vista para um prédio com ar condicionado pendurado pelo lado de fora, que quando vi me trouxe a sensação de aprisionamento, mas não tinha muita clareza do porquê.



## APROXIMAÇÕES

### Ensaio de Aproximação 01

*Escavando aquela sensação, me veio à superfície uma memória que estava a muito tempo ocultada. Me recordei de quando era ainda menina e precisava passar algumas tardes com minha mãe no trabalho, em um prédio com muitos adultos, pessoas sérias e engravatadas, móveis escuros e piso de carpete, um lugar onde não se podia correr e nem brincar, pois era importante que passasse despercebida. Algumas horas pareciam muitas, assim buscava distração diante das janelas que nunca podiam ser abertas por causa do tal ar condicionado. Era ainda muito menina e pouco entendia o porque que ar condicionados eram considerados mais importantes do que janelas abertas. Respeitava a ordem, mas sentia-me aprisionada.*

Relato uma das experiências pessoais para exemplificar que quando adentramos os estratos afetivos das imagens, podemos resgatar fragmentos de memória. E da mesma forma pode-se fazer a arquitetura quando abre-se o espaço de escuta para identificar quais são os vínculos das pessoas com seus territórios.

Como forma de apreensão das paisagens, busquei usar a ferramenta do desenho para fazer registros rápidos de memória. Assim, olhava por alguns minutos para cada fotografia e depois rapidamente ilustrava os fragmentos daquilo que me afetava.

Seguem alguns exemplos do exercício:

Na maioria delas, busquei observar desde a paisagem mais distante até o plano de dentro da casa. Conseguia me transportar para aquele cenário. Porém, mesmo que os desenhos estivessem me ajudando a ler as janelas, quando olhava para eles só enxergava a reprodução daquelas imagens. Parei por alguns dias até entender o que faria em seguida.



o imaginário de janelas  
sobrepostas e articuladas  
de um pequeno vilarejo.

**Olhos da rua.** Setembro 2020  
Aquarela sobre papel

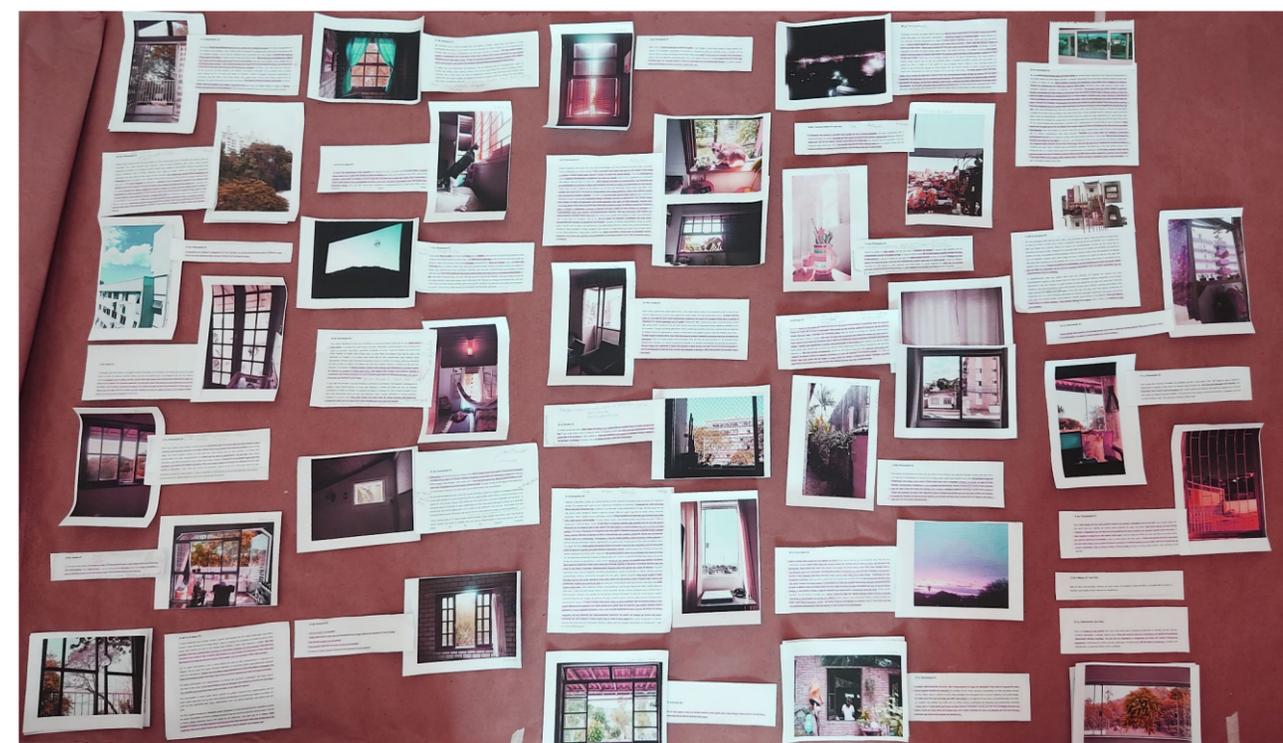
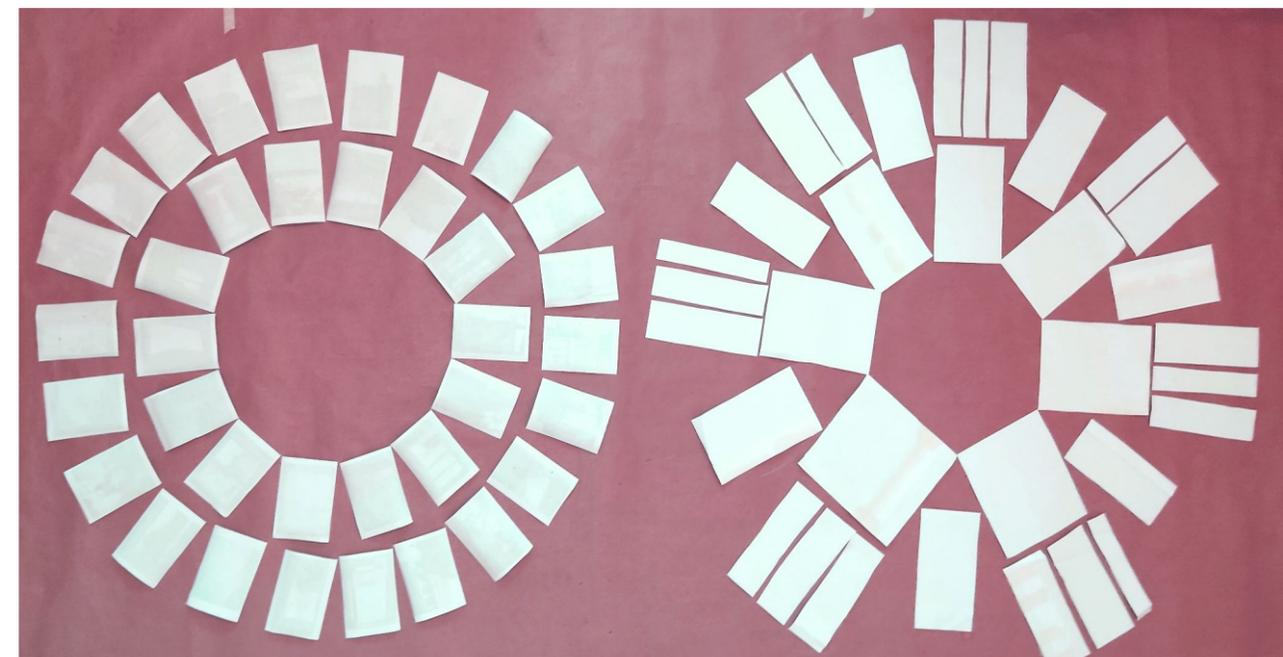


Entendi que eu precisava fazer o mesmo exercício, mas desta vez usando os relatos das janelas e não só as imagens.

Em seguida, iniciei a caminhada da releitura ou revelação do sentir que tive ao me conectar com cada autor/a do relato, passando a retratar o que, a meu entender, havia sido sua percepção.

Distribuí todos os relatos em círculo, virados para baixo. Um a um, fui lendo e marcando os “ecos” daquilo que me chamava a atenção. Ao perceber como as pessoas estavam sendo afetadas pelas janelas durante a pandemia, as vivências e as reflexões que aqueles espaços, num contexto pandêmico, suscitam nas pessoas. Percebi que outras imagens me apareciam na mente, diferentes das fotografias que antes eu registrava.

*Decido adotar a prática do “ecoar” aquilo que me afetou das janelas e dos relatos a partir de uma experiência vivenciada entre Julho e Setembro de 2020, quando participo da oficina virtual de Habitar a Casa da Terceira Margem Arquitetura e Singularidades, mediada pela arquiteta Iazana Guizzo. Nos encontros de partilha das experiências vividas na casa, cada participante tinha o seu momento de falar enquanto todos os outros escutavam atentamente e tomavam notas sobre o que estava sendo dito. Quando cada participante terminava seu relato, aqueles que até então estavam escutando, abriam o microfone para repetir frases ou palavras isoladas do que tinha acabado de ser dito. Esses eram os ecos: recortes da fala de quem acabara de relatar sua experiência, só que quando repetida na voz das outras integrantes da oficina serviam para demonstrar coletivamente com o que cada pessoa era afetada.*



Ao perceber como as pessoas estavam sendo afetadas pelas janelas durante a pandemia, sobre as vivências e as reflexões que aquelas janelas suscitaram, percebi que outra imagem me aparecia na mente, diferente das fotografias que antes registrava. O que é visto da janela e o que é percebido dela são coisas que se sobrepõem, se somatizam, mas que em aparência se diferem. Assim, faço os desenhos a partir dos ecos dos relatos. Aqui começa certo divertimento de retomar o desenho como um exercício de apreensão do mundo para além da representação do que os olhos veem.

Um a um vou desenhando e, ao me distanciar para refletir, começo a perceber que de todos os afetos descritos, aqueles que mais me chamavam atenção eram os que me informaram sobre as composições coreográficas possibilitadas pela janela.

Seguem alguns exemplos dos desenhos feitos a partir dos relatos:

"Se pudesse, queria derrubar a minha parede e colocar um vidro do teto até o chão. Parece que eu ia conseguir respirar, sei lá. Até discuti mentalmente com meus vizinhos e aquele código ridículo que diz que não podemos alterar a fachada do edifício, porque tem que manter um padrão, um ritmo. O prédio já é feio, sabe? Por que se apegar nisso?"

"Essa abertura sempre me lembra de me abrir. Ela me lembra que habitamos e somos habitados. Vários pássaros cantam por ela. E eu canto junto assim, também."

"A minha janela é velhinha. Talvez seja das poucas coisas no quarto que não mudou. Estava aqui na época em que este quarto era do meu avô ainda."

"A minha janela muda toda hora. Muda com o tempo lá fora, com a hora do dia, mas principalmente muda comigo por dentro."

"E sempre que venta as folhas fazem uma dança. E acabo sendo tirada para dançar junto"

"A geometria do cotidiano computário de uma fachada sul que se insiste presente nessa pandemia."

"Em plena pandemia estou tendo minha primeira experiência de habitar um espaço sozinho"

"Será que com essa pandemia estou ganhando tempo ou perdendo tempo??"

"Às vezes converso com alguns colegas que também residem no mesmo local através da janela do quarto e geralmente aos finais de semana, à noite, costumo beber bons drinks próximo à janela do meu quarto e mais uma vez observo o céu noturno e começo a divagar sobre tudo."

"Enquanto eu tentava, pessoalmente, fechar as portas para o mundo, para os seres e os sentimentos, uma janela aberta permitiu, mesmo sem a prévia permissão, a entrada de várias paisagens e inúmeras paragens. Hoje, olhando por essa janela que eu abro e que me abre desde o início desta pandemia e desde antes, confirmo que, apesar dos limites, sempre pode ser percebida, cavada, imaginada uma janela, uma abertura, uma possibilidade de comunicar o dentro com o fora."

"Na verdade eu nunca interagi tanto com essa janela, ela sempre serviu mais pra eu ver o que tá acontecendo na rua."

"Às vezes uma porção de gente pegava frutas das árvores (porque tem uma pitangueira que eu e meus irmãos plantamos ali há uns 20 anos."

"Às vezes, quando minha mãe tá saindo de casa, ela dá um assobio só pra eu olhar pra lá."

"Outra árvore que eu gosto de ver é um pinheiro dos nossos natais do final da década de 80, que tomou proporções assustadoras. Esse pinheiro e essa pitangueira são as nossas contribuições para essa praçinha."

"Nessa pandemia eu notei algo que eu nunca tinha dado valor neste quarto: minha janela. Ao me deparar com o mar, pensei: "por que diabos eu nunca coloquei uma escrivaninha sob essa janela?"

"Ela amplia a minha liberdade que eu não posso exercer. É como estar dentro de uma prisão e poder imaginar tudo o que a vida poderia ser."



"Essa abertura sempre me lembra de me abrir.  
Ela me lembra que habitamos e somos habitados.  
Vários pássaros cantam por ela. E eu canto junto  
assim, também."

"E sempre que venta as folhas fazem  
uma dança. E acabo sendo tirada para  
dançar junto"



“Nessa pandemia eu notei algo que eu nunca tinha dado valor neste quarto: minha janela. Ao me deparar com o mar, pensei “por que diabos eu nunca coloquei uma escrivaninha sob essa janela?”



“Ela amplia a minha liberdade que eu não posso exercer; é como estar dentro de uma prisão e poder imaginar tudo o que a vida poderia ser.”

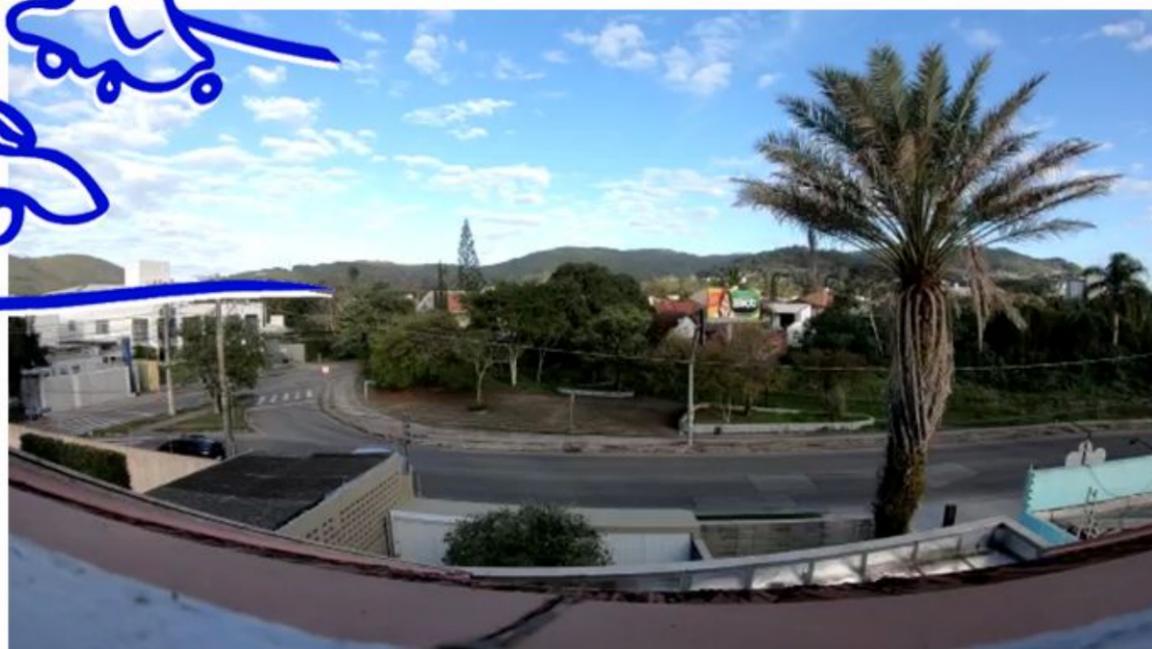


“Na verdade eu nunca interagi tanto com essa janela, ela sempre serviu mais pra eu ver o que tá acontecendo na rua.”

“Às vezes uma porção de gente pegava frutas das árvores (porque tem uma pitangueira que eu e meus irmãos plantamos ali há uns 20 anos.”

“Às vezes, quando minha mãe tá saindo de casa, ela dá um assobio só pra eu olhar pra lá.”

“Outra árvore que eu gosto de ver é um pinheiro dos nossos natais do final da década de 90, que tomou proporções assustadoras. Esse pinheiro e essa pitangueira são as nossas contribuições para essa pracinha.”





“Em plena pandemia estou tendo minha primeira experiência de habitar um espaço sozinho”



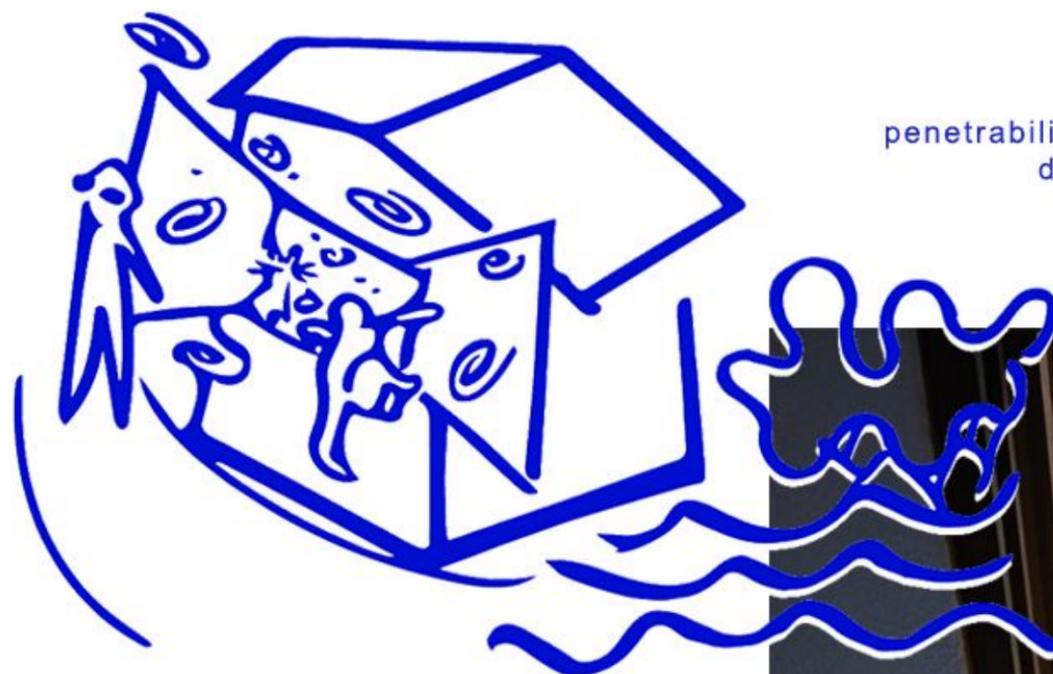
“Será que com essa pandemia estou ganhando tempo ou perdendo tempo?? “

“Às vezes converso com alguns colegas que também residem no mesmo local através da janela do quarto e geralmente aos finais de semana, à noite, costumo beber bons drinks próximo à janela do meu quarto e mais uma vez observo o céu noturno e começo a divagar sobre tudo.”



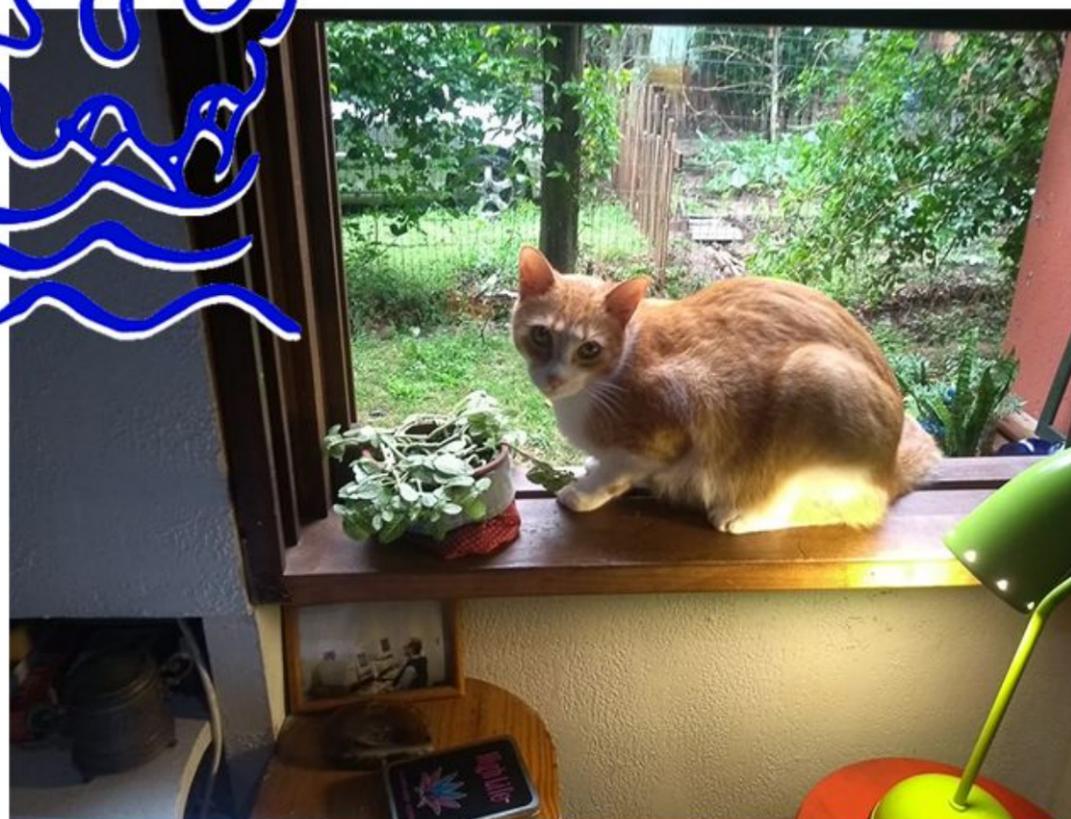
“A geometria do cotidiano compulsório de uma fachada sul que se insiste presente nessa pandemia.”

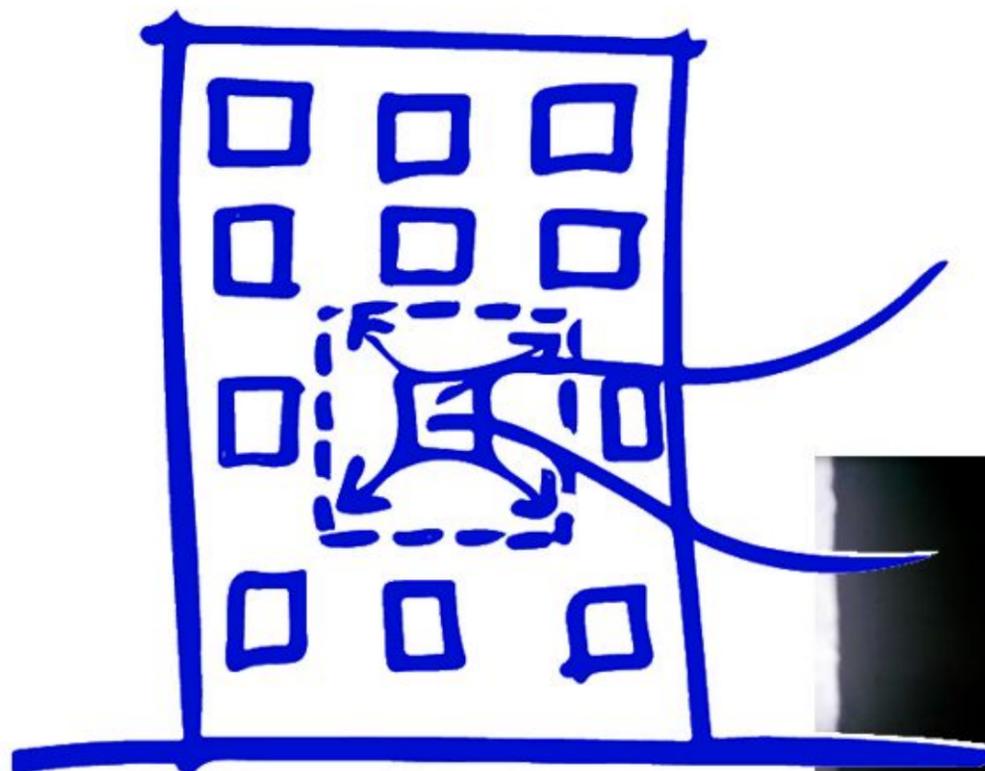
“Uma espera que dias melhores virão e de que o tempo é um incansável mestre.”



“A janela se torna símbolo de passagem, da penetrabilidade entre dois espaços aprisionadamente distintos, mas que encontram uma brecha, um entre-momento, um limiar entre o cá e o lá.”

“Enquanto eu tentava, pessoalmente, fechar as portas para o mundo, para os seres e os sentimentos, uma janela aberta permitiu, mesmo sem a prévia permissão, a entrada de úteis paisagens e inúteis paragens. Hoje, olhando por essa janela que eu abro e que me abre desde o início desta pandemia e desde antes, confirmo que, apesar dos limites, sempre pode ser percebida, cavada, imaginada uma janela, uma abertura, uma possibilidade de comunicar o dentro com o fora;”





“Se pudesse, queria derrubar a minha parede e colocar um vidro do teto até o chão. Parece que eu ia conseguir respirar, sei lá. Até discuti mentalmente com meus vizinhos e aquele código ridículo que diz que não podemos alterar a fachada do edifício, porque tem que manter um padrão, um ritmo. O prédio já é feio, sabe? Por que se apegar nisso?”

“A minha janela é velhinha. Talvez seja das poucas coisas no quarto que não mudou. Estava aqui na época em que este quarto era do meu avô ainda.”

“A minha janela muda toda hora. Muda com o tempo lá fora, com a hora do dia, mas principalmente muda comigo por dentro.”



## PÁSSARO PELA BOCA

Quando você estiver na Sua Casa às 20 horas  
apague todas as luzes e se sente no chão de um  
cômodo com janela  
Olhando para essa abertura na parede  
sussurre três vezes  
pausadamente  
o poema a seguir  
como se estivesse soltando um pássaro pela boca

A Maior Casa do mundo  
Não tem parede nem teto  
É o planeta, é o planeta  
Caloroso, sempre perto  
Quem olha por uma janela  
Encontra a extensão do seu lar  
**Nos lembremos, nos lembremos**  
**De esticar o nosso olhar**

Retirado do Mapa de Visitação da Casa - Sorverversos  
(André Gravatá & Serena Labate)



Considerando as elucubrações de Fernando Pessoa sobre paisagem interna e paisagem externa, é possível entender que no transcurso da atividade mental vivenciamos um duplo fenômeno de percepção. Internamente, temos a consciência de um estado de alma e, externamente, o que os sentidos nos revelam a partir da paisagem num determinado momento de percepção. O poeta ainda reforça a ideia de que “Todo o estado de alma é uma passagem”, ou seja, que não são representados por uma paisagem e sim, que são verdadeiramente, a paisagem.

Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria um dia de sol no nosso espírito. E - mesmo que não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem - pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser "Há sol nos meus pensamentos", ninguém compreenderá que os meus pensamentos são tristes. Pessoa (2007).

Uma vez que o indivíduo tem, ao mesmo tempo, consciência do seu exterior e do seu espírito, ou paisagem interior, possui, ao mesmo tempo, consciência das duas paisagens. Assim, como essas paisagens se interpenetram, induzem o estado de alma, seja ele qual for, a sofrer um pouco da paisagem registrada pelos olhos. Exemplo: num dia de sol uma pessoa triste estará um pouco menos triste do que num dia nublado e chuvoso. O mesmo ocorre com a paisagem exterior que recebe, por sua vez, influência do estado de alma. Exemplo: "Desde que minha mãe morreu, não percebo o brilho do sol".

Portanto, para que a arte possa representar bem a realidade, será necessário que o faça a partir de duas representações simultâneas: a da paisagem interior e da paisagem exterior, além de fazer um cruzamento entre as duas.



A construção desta narrativa cartográfica se inicia a partir do momento em que verdadeiramente me sinto íntima do material coletado. Quando as percebo gravadas e memorizadas, começo os ensaios de composição de uma linha de paisagem, me aproprio de todos os relatos e imagens, quase a ponto de recitá-los.

Assim, visualizo uma viagem-metafórica, em que meu corpo experimenta imaginar um percurso que parte da Bahia, passa pelo Distrito Federal, visita Minas Gerais, se encaminha ao Paraná, Santa Catarina e, por fim, se encerra no Rio Grande do Sul. Ao vislumbrar tal imagem, noto as nuances e os rastros de cores, texturas, sons que se imprimem no material produzido através da **foto-montagem** - realizada manualmente - com os registros fotográficos, recortes de revista, desenhos sensitivos e fragmentos dos relatos.

A cartografia se construiu no próprio ato de feitura. O diálogo do meu corpo com os materiais que estavam ao alcance das mãos se materializa nesta imagem-montagem. Ordenados a partir das áreas geográficas e seguindo a lógica do percurso citado anteriormente, busquei espacializar, a partir da colagem, aquelas coreografias possibilitadas por meio das janelas, compreendendo coreografia aqui como os arranjos dos corpos impressos no espaço.

Em todo movimento, há deslocamento, mas não apenas isso. Há também uma transformação, porque o movimento precedente não é igual ao próximo. Ele se arrasta e continua fazendo do próximo instante algo novo. Quando se entende o movimento apenas como deslocamento, o que se perde não é a maneira que um instante sucede o outro, mas a maneira na qual um movimento se continua no outro. (GUIZZO, 2019 p. 58)

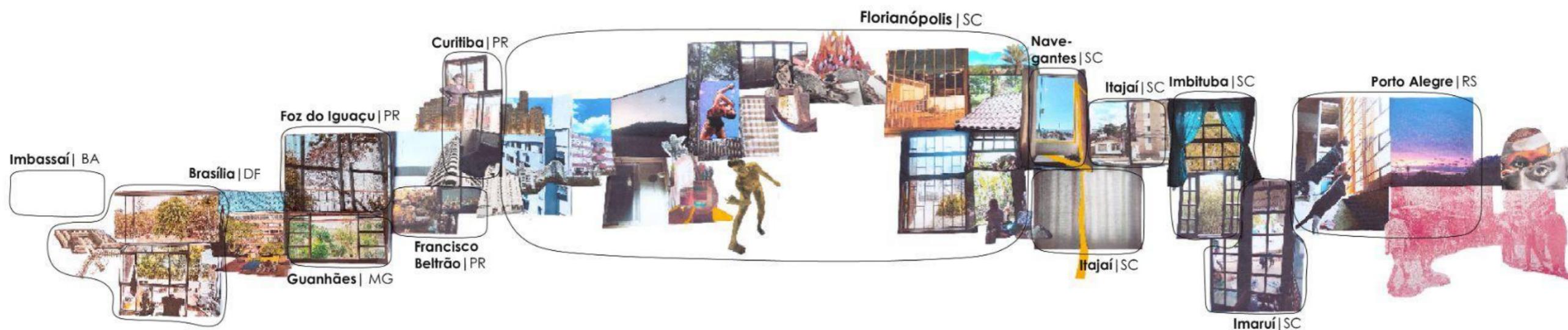
Essa sensação, de habitar vários territórios simultaneamente, é algo que me é bastante conhecido, visto que a mudança de casas, escolas, cidades e estados foi algo que sempre fez parte da minha vida. A certeza sempre foi cruzada pela mudança e, de alguma forma, essas vivências me relembram sobre a impermanência das coisas.

Ao abrir cada janela do questionário pude ir de encontro com reflexões acerca do meu próprio percurso enquanto vivente de vários territórios, visto que minhas memórias e meus afetos foram gerados na impermanência de um território comum. Assim, a narrativa da visitação das paisagens das janelas aqui apresentada se mescla com o meu próprio percurso em deslocamento, visto que cinco das onze cidades do trajeto são lugares habitados por mim. Dessa forma, há um entrelaçamento entre as histórias dos participantes da pesquisa e as minhas próprias percepções dos territórios que me constituem.



# ENTRE PAISAGENS

## NARRATIVA CARTOGRÁFICA



Esta produção cartográfica foi construída a partir do território existencial percorrido por mim através do material compartilhado pelos participantes da pesquisa. Assim como em uma viagem de ônibus, em que se observa o descolamento da paisagem através das janelas, essa cartografia foi idealizada ao me imaginar diante de tal deslocamento. Nesta imagem-movimento que se criou, pude visitar cada uma das casas e compartilhar das sensações relatadas em um contexto pandêmico, em que o contato físico estava impossibilitado.



# ENTRE PAISAGENS

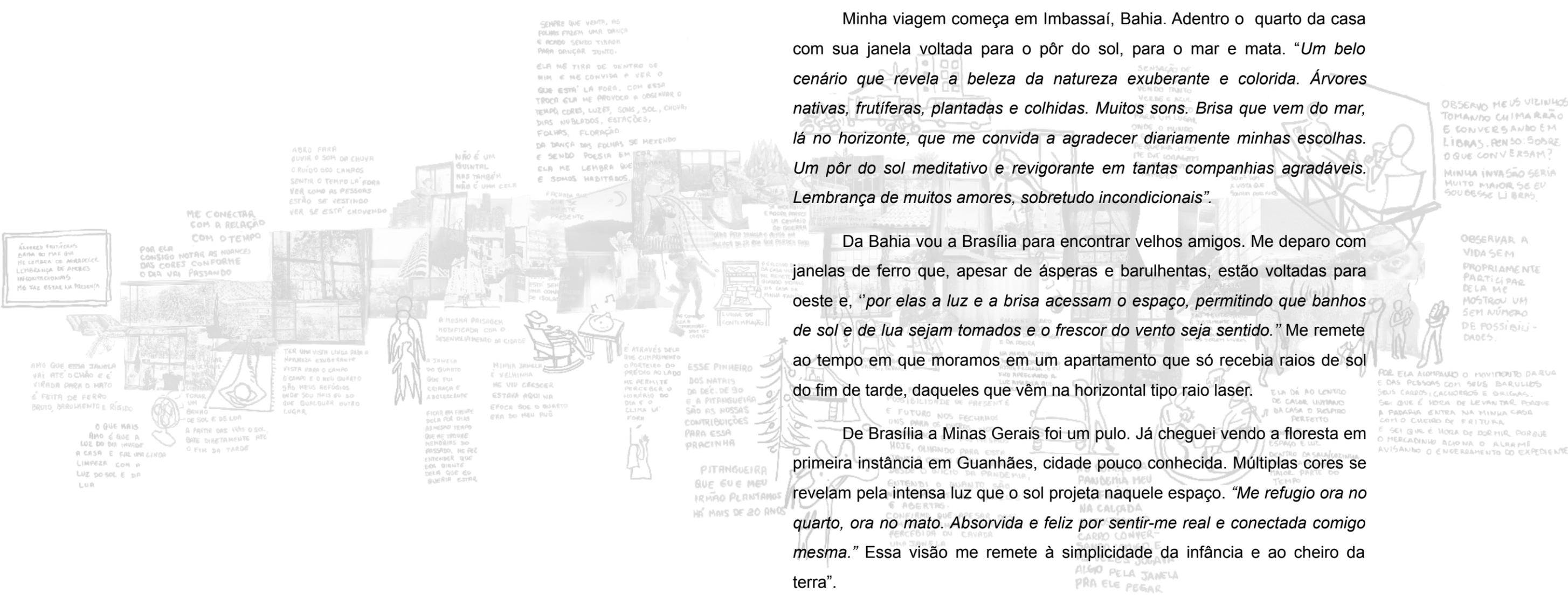
## NARRATIVA CARTOGRÁFICA

### O deslocamento a partir dos Ecos dos relatos

Minha viagem começa em Imbassaí, Bahia. Adentro o quarto da casa com sua janela voltada para o pôr do sol, para o mar e mata. *“Um belo cenário que revela a beleza da natureza exuberante e colorida. Árvores nativas, frutíferas, plantadas e colhidas. Muitos sons. Brisa que vem do mar, lá no horizonte, que me convida a agradecer diariamente minhas escolhas. Um pôr do sol meditativo e revigorante em tantas companhias agradáveis. Lembrança de muitos amores, sobretudo incondicionais”.*

Da Bahia vou a Brasília para encontrar velhos amigos. Me deparo com janelas de ferro que, apesar de ásperas e barulhentas, estão voltadas para oeste e, *“por elas a luz e a brisa acessam o espaço, permitindo que banhos de sol e de lua sejam tomados e o frescor do vento seja sentido.”* Me remete ao tempo em que moramos em um apartamento que só recebia raios de sol do fim de tarde, daqueles que vêm na horizontal tipo raio laser.

De Brasília a Minas Gerais foi um pulo. Já cheguei vendo a floresta em primeira instância em Guanhães, cidade pouco conhecida. Múltiplas cores se revelam pela intensa luz que o sol projeta naquele espaço. *“Me refugio ora no quarto, ora no mato. Absorvida e feliz por sentir-me real e conectada comigo mesma.”* Essa visão me remete à simplicidade da infância e ao cheiro da terra”.

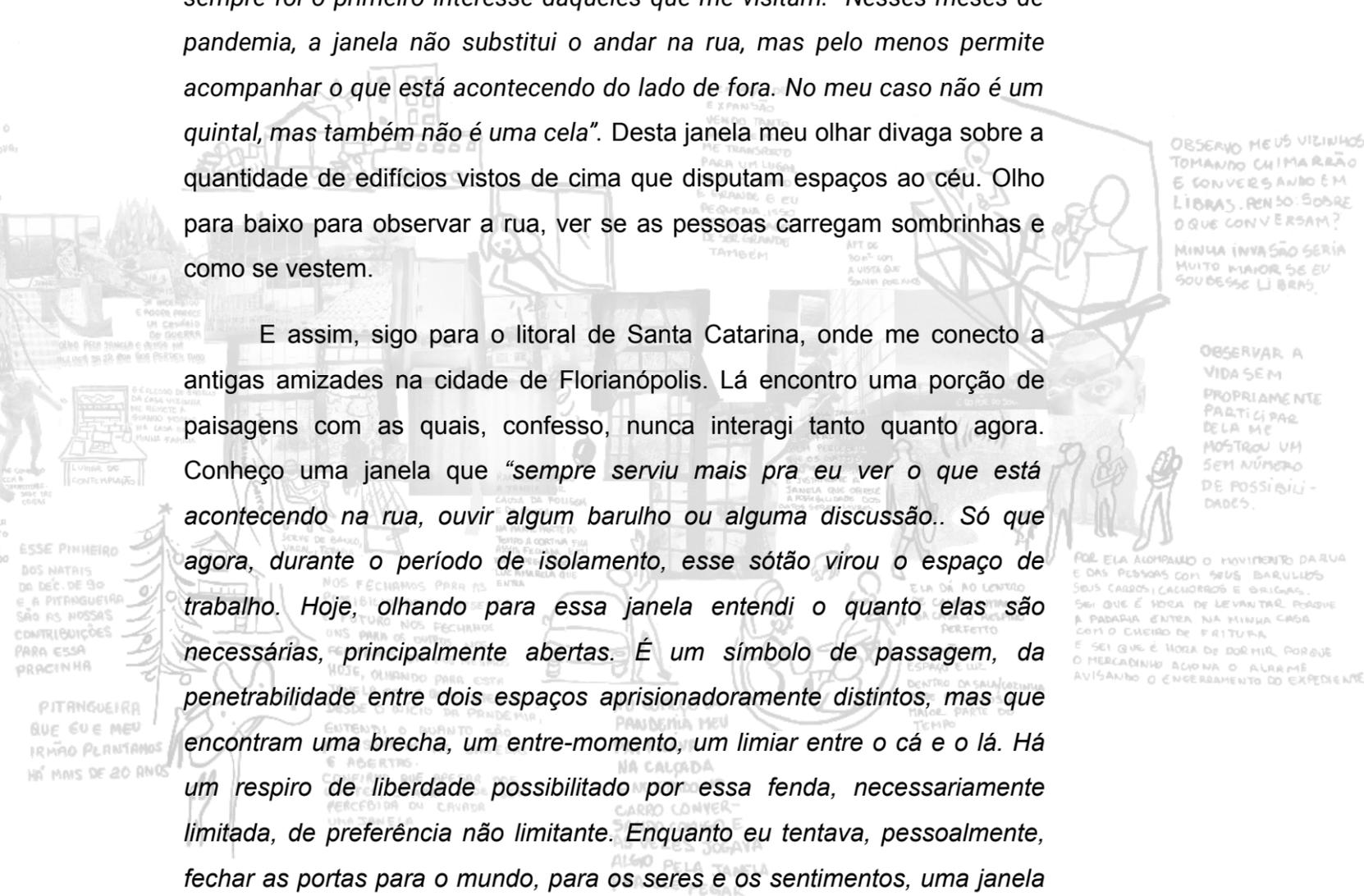


Dou um salto até o Paraná. Minha primeira parada é Foz do Iguaçu. Terra vermelha de abundante mata nativa e nuances de verde, com o céu em pano de fundo. *“A demolição da casa da esquina me permite vislumbrar uma avenida compartilhada com pedestres e ciclistas, cada qual ocupando seu espaço físico delimitado. Ao lado, um grande bosque, habitado por muitas árvores, muitas mesmo! Engenharia, humanidade e natureza numa paralelidade aparentemente harmônica. Meus olhos mostram isso. Meus ouvidos, o contrário. Fecho os olhos e interrompo a visão do movimento das pessoas - seja pelos pneus, rodas ou pernas - para sentir a pressa nelas impressa pela coreografia acelerada de seus corpos. Abro os olhos e vejo a casa do João de Barro na árvore que acolhe, protege e alimenta o pequeno pássaro. Entre o aqui e o lá, uma grade formada por retângulos quase quadrados. Ela é de ferro e pintada de branco, mas em um tom já não tão branco assim. Por ela a minha cabeça atravessa inteira, sem perigo de me machucar, mas pena que só a cabeça. Sinto vontade de sentar no vão dela, balançar as pernas para fora, ficar mais alta e olhar para a mata como faz o pássaro. Mas se as grades servem para ninguém entrar, servem também para ninguém sair”.*

A segunda parada no Paraná foi Francisco Beltrão, onde me encontro com as memórias de infância de uma doce amiga. A paisagem motivou a escolha dessa janela como um espaço de comunicação com o mundo exterior. A transparência do vidro expõe uma cidade realçada pela luz do fim do dia. *“Vejo a imagem e me questiono: será que é diante desta janela que eu quero estar?”* O tom pastel do cenário é um convite à reflexão. *“Nesses meses de isolamento, essa janela me fez refletir sobre essas fases da minha vida, nas pessoas que me cercavam, como eu imaginava que estaria em 2020. E eu escolhi ficar ali, em frente dela por dias, pois ao mesmo tempo que me trouxe memórias do passado, me fez entender que era diante dela que eu queria estar”.*

Chego em Curitiba, cidade de clima instável e muitos prédios. A janela eleita é a varanda de um apartamento no décimo segundo andar. *“A sacada sempre foi o primeiro interesse daqueles que me visitam. Nesses meses de pandemia, a janela não substitui o andar na rua, mas pelo menos permite acompanhar o que está acontecendo do lado de fora. No meu caso não é um quintal, mas também não é uma cela”.* Desta janela meu olhar divaga sobre a quantidade de edifícios vistos de cima que disputam espaços ao céu. Olho para baixo para observar a rua, ver se as pessoas carregam sombrinhas e como se vestem.

E assim, sigo para o litoral de Santa Catarina, onde me conecto a antigas amizades na cidade de Florianópolis. Lá encontro uma porção de paisagens com as quais, confesso, nunca interagi tanto quanto agora. Conheço uma janela que *“sempre serviu mais pra eu ver o que está acontecendo na rua, ouvir algum barulho ou alguma discussão.. Só que agora, durante o período de isolamento, esse sótão virou o espaço de trabalho. Hoje, olhando para essa janela entendi o quanto elas são necessárias, principalmente abertas. É um símbolo de passagem, da penetrabilidade entre dois espaços aprisionadoramente distintos, mas que encontram uma brecha, um entre-momento, um limiar entre o cá e o lá. Há um respiro de liberdade possibilitado por essa fenda, necessariamente limitada, de preferência não limitante. Enquanto eu tentava, pessoalmente, fechar as portas para o mundo, para os seres e os sentimentos, uma janela aberta permitiu, mesmo sem a prévia permissão, a entrada de úteis paisagens e inúteis paragens. Hoje, olhando por essa janela que eu abro e que me abre desde o início desta pandemia confirmo que, apesar dos limites, sempre pode ser percebida, cavada, imaginada uma janela, uma abertura, uma possibilidade de comunicar o dentro com o fora; de permitir o ficar e o ir embora”.*



*“Encontrei um velho amigo que achou engraçado eu falar tanto de janelas. Ele disse: “É muito engraçado você falar da janela, porque pensei muito - até sonhei com isso - em ampliar a minha janela. Queria colocar uma que fosse no mínimo toda aberta. Se pudesse, queria derrubar a minha parede e colocar um vidro do teto até o chão. Parece que eu ia conseguir respirar, sei lá... Me angustia o trânsito, me angustia ter as mesmas percepções de sempre. Se me sinto realizado, tudo é novo, o silêncio me toma e tudo ganha cor de vida, até o dia cinzento. Se me sinto sufocado, deixo o vento vir e renovar o ar. Se quero descansar profundamente, fecho ela total e sinto o escuro em cima de mim”.*

*A próxima visita é na janela que se faz companheira, “Hoje em plena pandemia estou tendo minha primeira experiência de habitar um espaço sozinho porque meus colegas de apartamento optaram em passar esse período pandêmico junto à família. Dentre as inúmeras experiências individuais que sigo tendo em meu quarto, destaco acordar pela manhã, tomar meu café e ficar, por horas, divagando ao observar o céu. É uma distração tão relaxante que me faz esquecer de tudo, até mesmo das minhas demandas de home office... Enfim, percebo que a janela vem sendo para mim uma companheira paciente que houve meus pensamentos e reflexões e que recorta na paisagem cenários lindos que acalmam meu ser”. A janela que dança, “Por conta, principalmente, de ter uma árvore e por enxergar o céu, consigo notar as nuances da mudança das cores conforme as horas do dia vão mudando. E sempre que venta, as folhas fazem uma dança. E acabo sendo tirada para dançar junto com elas. A janela me tira de dentro de mim e me convida a ver o que está lá fora com essa troca que ela me provoca a observar.*

*Do tempo. Das cores. Das luzes. Dos sons. Do sol. Da chuva. Dos dias nublados. Das estações. Das folhas. Da floração. Da luz batendo contra as folhas sendo poesia em cor. Da dança das folhas se mexendo e falando linguagens diferentes dependendo do movimento que elas fazem. Acho bonito pensar que nessas horas o vento toma forma e deixa de ter só sensação. Ele toma forma pelo movimento das folhas. Essa abertura sempre me lembra de me abrir. De deixar entrar o que me encanta e de ir olhar o que tem lá fora. Ser troca. Ela me lembra que habitamos e somos habitados. Vários pássaros cantam por ela. E eu canto junto também”.*

*“Nesse período de quarentena/pandemia muita coisa foi se transformando na minha vida. Uma delas foi vir morar aqui onde já morava minha namorada, sua filhinha e mais uma senhora. Essa janela enquadra perfeitamente o Morro do Lampião, lugar que visitei uma única vez, bem no começo desse troço todo que a gente tá vivendo. É por essa janela que hoje encaro todos os dias esse lindo morro e o sol desce perfeitamente por ele”.*

*“Essa janela é muito generosa; ela ilumina tudo. Por ela eu vejo céu, mata, pássaros, gatos correndo para apanhar pássaros e os meus vizinhos que já não ocupam esse posto de vizinhos, porque já são mais. São meus amigos. Eu estava bem acostumado com esse enquadramento da janela que às vezes é janela-banco. Há três dias todos esses elementos que falei permanecem, porém a visão não é mais a mesma. A paisagem se incendiou e agora vejo uma paisagem que parece um cenário de guerra. Olho pela janela e penso na família de mulheres da rua 2 que perdeu a casa toda. Continuo achando a janela generosa, mas novos sentimentos ela me trás”.*

OBSERVO MEUS VIZINHOS TOMANDO CHIMARRÃO E CONVERSANDO EM LIBRAS. PENSO SOBRE O QUE CONVERSAM? MINHA INVASÃO SERIA MUITO MAIOR SE EU SOUBESSE LIBRAS.

OBSERVAR A VIDA SEM PROPRIAMENTE PARTICIPAR DELA ME MOSTROU UM SEM NÚMERO DE POSSIBILIDADES.

ELA ACOMPANHA O MOVIMENTO DA RUA DAS PESSOAS COM SEUS BARULHOS SEUS CARROS, CACHORROS E GRIGAS. É QUE É HORA DE LEVANTAR PORQUE PADARIA ENTRA NA MINHA CASA COM O CHEIRO DE FRITURA. SEI QUE É HORA DE DORMIR PORQUE MERCADORIA ACIMA O ALARME AVISANDO O ENCERRAMENTO DO EXPEDIENTE.

ESSE PINHEIRO DOS MATRIS DA DEC. DE 90 É A PITANGUEIRA SÃO AS NOSSAS CONTRIBUIÇÕES PARA ESSA PRACINHA

PITANGUEIRA BUE É MEU IRMÃO PLANTAMOS HÁ MAIS DE 20 ANOS

PANDEMIA MEU NA CALÇADA CARRO LONTEK SAÍDO CONGO E ALMO PELA JANELA

*“A janela, diferentemente da porta, não é logicamente um lugar de passagem mas pode te transportar para outros lugares através do vislumbre. O privilégio de ter muita natureza enquadrada na vista da janela sempre me faz refletir sobre o externo e como essa paisagem se contrapõe com o mundo moderno, com a tecnologia. É o olhar para fora que dá forças pra olhar para dentro, e, de alguma forma, busco conscientemente me tornar um espelho das janelas que visito com os olhos, buscar a perfeição da natureza, que justamente é perfeita porque não é. É pela janela que busco a brisa noturna, é fechando a janela que me sinto protegida, ela serve de banco, serve de varal, serve de terapia para uma mente cansada de caos. É olhando pra fora que consigo entender que tudo é uma questão de perspectiva”. “Esta janela me alimenta com muito sol, lua cheia e chuva, sempre vejo algumas fragatas voando bem alto. Ela é um lugar de contemplação do céu por mim e pelas gatas e gatos que habitam esta casa. Ela também é lugar de oxigenação das ideias, onde coloco minha mesa para criar e trabalhar. A construção vizinha é bem próxima aqui de casa, o que me coloca em contato com o muro, o telhado e todas as conversas, barulho da tv, gritos, e brigas das pessoas da outra casa. Algumas vezes o excesso de barulho que vem da casa vizinha me remete a quando eu morava na casa da minha família, que também sempre tinha (e ainda tem) a tv ligada o dia inteiro, algo que me incomoda profundamente”. “A paisagem que vejo pela janela me abre horizontes, me dá fôlego e me lembra que estou num lugar calmo, no meio da natureza. Também lembra que tem um quintal muito aconchegante logo ali fora. Mesmo sendo a paisagem que me afeta, percebo que ao olhar pela janela meus pensamentos facilmente viajam no futuro ou no passado, em questões aleatórias. Ela amplia a sensação de espaço e luz dentro da sala/cozinha onde passamos a maior parte do tempo aqui em casa. Ela dá ao centro de calor humano da casa um respiro perfeito. E as nossas cadelas podem nos ver aqui dentro também”.*

*“É por ela que entra o solzinho da manhã. É através dela também que eu cumprimento o porteiro do prédio do lado. A vista da minha janela não é muito bonita, mas eu consigo ver o céu e uma palmeira, o que já é melhor do que nada. Em determinadas épocas do ano, eu também consigo ver a lua nascer no morro lá atrás. Como eu trabalho no meu quarto, eu olho bastante para essa janela. Eu gosto de como ela me permite perceber o horário do dia e o clima lá fora. Eu amo trabalhar com barulho de chuva batendo na janela”. “Minha kitnet possui só duas janelas, a do quarto e a do banheiro. Então sendo esse o único ponto de conexão com a rua desde o quarto, ela é um elemento importante para mim. Às vezes eu passo raiva por causa dela também, como por exemplo quando a dona de casa briga com as crianças que brincam, ou quando passam motos barulhentas, ou carros, ou vizinhos falando alto, etc”. “Gosto porque ela é grande, uma sacada, posso estar nela e cuidar das minhas plantas. Não gosto porque a vista é a urbanização, os carros e outras janelas dos outros prédios”. “Essa janela tem árvores, bromélias, um gramado grande e vista para o mar. Tem lagartos, gatos, pássaros (beija-flores e Arapuã) e hoje vimos um macaco pela primeira vez. Tem vida, tem paisagem, tem história. Tem memórias. Tem a árvore que eu escalava, teve minha casinha de bonecas, teve guerra de espuma de carnaval, teve jogos de futebol-frescobol-voleibol. Teve encontros dos amigos, encontros da família, e daqueles que hoje eu nem encontro mais. Tem horizonte infinito e muito amor”.*

*“Uma sensação de expansão, vendo tanto verde e tanto céu me transportarem para um lugar onde eu sou pequena e o mundo grande. Isso me dá coragem pra ser grande. Esse grande é além de um corpo, é sobre uma sensação. E sobre um amparo desse verde/azul/cinza quando me sinto pequena”.*

OBSERVO MEUS VIZINHOS TOMANDO CHIMARRÃO E CONVERSANDO EM LIBRAS. PENSO SOBRE O QUE CONVERSAM? MINHA INVASÃO SERIA MUITO MAIOR SE EU SOUBESSE LIBRAS.

OBSERVAR A VIDA SEM PROPRIAMENTE PARTICIPAR DELA ME MOSTROU UM SEM NÚMERO DE POSSIBILIDADES.

FOI ELA AUMENTANDO O MOVIMENTO DA RUA E DAS PESSOAS COM SEUS BARULHOS SEUS CARROS, CACHORROS E BRIGAS... SEI QUE É BOCA DE LERVANTAR PORQUE A PADARIA ENTRA NA MINHA CASA COM O CHEIRO DE FEITURA E SEI QUE É HORA DE DORMIR PORQUE O MERCADINHO ACIMA O ALARME AVISANDO O ENCAMBAMENTO DO EXPEDIENTE.

*“É por ela que entra o solzinho da manhã. É através dela também que eu cumprimento o porteiro do prédio do lado. A vista da minha janela não é muito bonita, mas eu consigo ver o céu e uma palmeira, o que já é melhor do que nada. Em determinadas épocas do ano, eu também consigo ver a lua nascer no morro lá atrás. Como eu trabalho no meu quarto, eu olho bastante para essa janela. Eu gosto de como ela me permite perceber o horário do dia e o clima lá fora. Eu amo trabalhar com barulho de chuva batendo na janela”.*

*“Minha kitnet possui só duas janelas, a do quarto e a do banheiro. Então sendo esse o único ponto de conexão com a rua desde o quarto, ela é um elemento importante para mim. Às vezes eu passo raiva por causa dela também, como por exemplo quando a dona de casa briga com as crianças que brincam, ou quando passam motos barulhentas, ou carros, ou vizinhos falando alto, etc”.*

*“Gosto porque ela é grande, uma sacada, posso estar nela e cuidar das minhas plantas. Não gosto porque a vista é a urbanização, os carros e outras janelas dos outros prédios”.*

*“Essa janela tem árvores, bromélias, um gramado grande e vista para o mar. Tem lagartos, gatos, pássaros (beija-flores e Arapuã) e hoje vimos um macaco pela primeira vez. Tem vida, tem paisagem, tem história. Tem memórias. Tem a árvore que eu escalava, teve minha casinha de bonecas, teve guerra de espuma de carnaval, teve jogos de futebol-frescobol-voleibol. Teve encontros dos amigos, encontros da família, e daqueles que hoje eu nem encontro mais. Tem horizonte infinito e muito amor”.*

*“Uma sensação de expansão, vendo tanto verde e tanto céu me transportarem para um lugar onde eu sou pequena e o mundo grande. Isso me dá coragem pra ser grande. Esse grande é além de um corpo, é sobre uma sensação.*

*E sobre um amparo desse verde, azul, cinza quando me sinto pequena”.*

*“Uma janela veneziana de abrir que me lembra a música do Erasmo Carlos que diz que “gente certa é gente aberta”, as janelas tem essa função, a de abrir. Elas levam o nome de acordo com a forma que se abrem, já percebeu? Basculante, guilhotina, sanfonada, de correr... Gosto de imaginar que essa é uma janela voadora de quatro asas. Percebo esse movimento de abertura como um convite a um abraço, tanto nos momentos em que eu entro no quarto e me deparo com ela, quando quando contorno o terreno e a vejo por fora, disposta a me receber. O abraço precede o toque, é uma intenção que transpassa e se revela no gesto de abertura ao projetar os braços para frente. Dar contorno e criar espaço com o corpo, expandir a perspectiva como fazem os braços e também como fazem as folha-asas da janela. São gestos de convite, que confortam quem habita. São os abraços possíveis nesse momento de isolamento social e afetivo”.*

*“Certo dia acordei decidida a arrancar a madeira que tapava o buraco para comportar aqueles ar condicionados que tem em casas antigas, sabe? Com ajuda de uma amiga, preguei uma telinha por fora para evitar a entrada indesejada de mosquitos. A pequena abertura fica bem no alto, voltada para o norte, e por causa dela agora consigo ver o verde das bananeiras da vizinha balançarem com o vento ou se molharem com a chuva. Essa janela é só uma pequena abertura que não fecha, mas que se tornou o meu xodozinho nesse momento pandêmico. Tenho certeza que só fiz essa singela transformação porque habitar meu quarto, tanto nas horas de dormir quanto nas horas de trabalho, fez com que eu intensificasse a minha convivência com o que antes era só um pequeno incômodo”.*

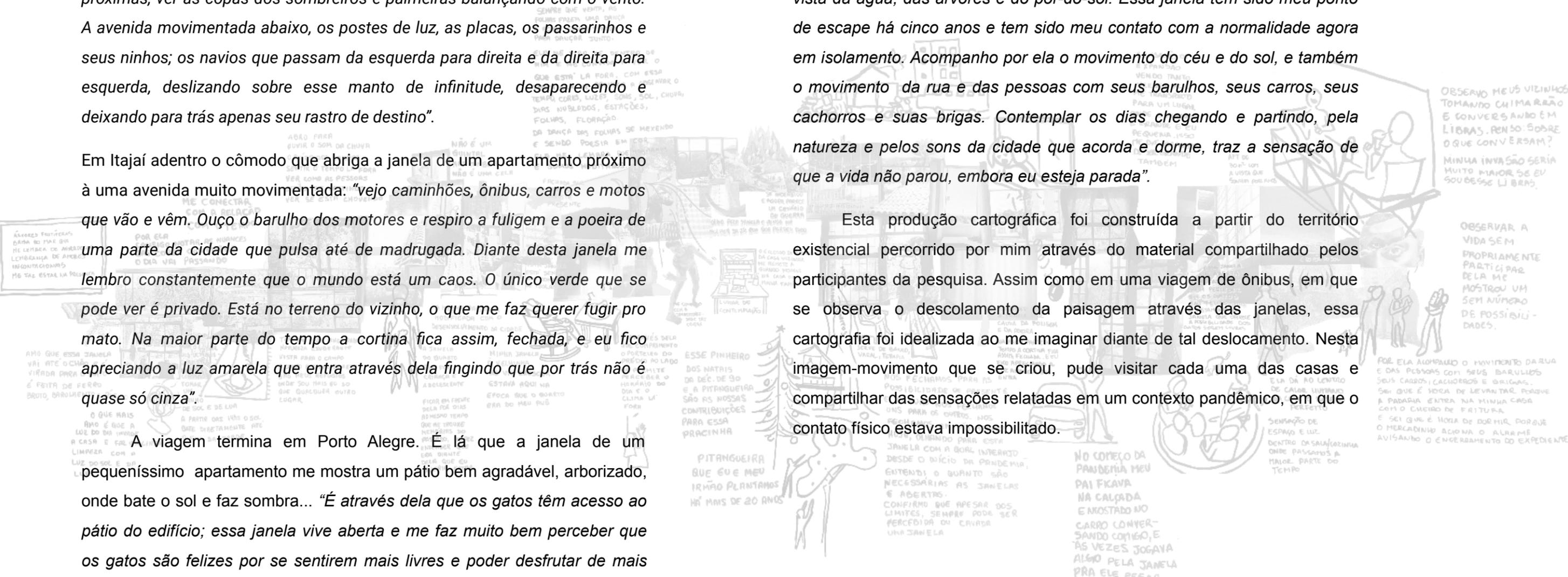
Saio de Florianópolis e visito a janela que faz jus ao nome da cidade: Navegantes. *“Daqui do meu recanto solitário, posso ver os telhados das casas próximas, ver as copas dos sombreiros e palmeiras balançando com o vento. A avenida movimentada abaixo, os postes de luz, as placas, os passarinhos e seus ninhos; os navios que passam da esquerda para direita e da direita para esquerda, deslizando sobre esse manto de infinitude, desaparecendo e deixando para trás apenas seu rastro de destino”.*

Em Itajaí adentro o cômodo que abriga a janela de um apartamento próximo à uma avenida muito movimentada: *“vejo caminhões, ônibus, carros e motos que vão e vêm. Ouço o barulho dos motores e respiro a fuligem e a poeira de uma parte da cidade que pulsa até de madrugada. Diante desta janela me lembro constantemente que o mundo está um caos. O único verde que se pode ver é privado. Está no terreno do vizinho, o que me faz querer fugir pro mato. Na maior parte do tempo a cortina fica assim, fechada, e eu fico apreciando a luz amarela que entra através dela fingindo que por trás não é quase só cinza”.*

A viagem termina em Porto Alegre. É lá que a janela de um pequeníssimo apartamento me mostra um pátio bem agradável, arborizado, onde bate o sol e faz sombra... *“É através dela que os gatos têm acesso ao pátio do edifício; essa janela vive aberta e me faz muito bem perceber que os gatos são felizes por se sentirem mais livres e poder desfrutar de mais espaço para vivenciarem suas plenitudes felinas. Acho que eles seriam bem frustrados e, conseqüentemente, eu seria bem infeliz, sem a existência dessa janela”.*

Encerro minha trajetória diante da única janela em um espaço de 30m<sup>2</sup>. *“Ela é singular pois proporciona a vista com a qual sonhei por muitos anos, a vista da água, das árvores e do pôr-do-sol. Essa janela tem sido meu ponto de escape há cinco anos e tem sido meu contato com a normalidade agora em isolamento. Acompanho por ela o movimento do céu e do sol, e também o movimento da rua e das pessoas com seus barulhos, seus carros, seus cachorros e suas brigas. Contemplar os dias chegando e partindo, pela natureza e pelos sons da cidade que acorda e dorme, traz a sensação de que a vida não parou, embora eu esteja parada”.*

Esta produção cartográfica foi construída a partir do território existencial percorrido por mim através do material compartilhado pelos participantes da pesquisa. Assim como em uma viagem de ônibus, em que se observa o descolamento da paisagem através das janelas, essa cartografia foi idealizada ao me imaginar diante de tal deslocamento. Nesta imagem-movimento que se criou, pude visitar cada uma das casas e compartilhar das sensações relatadas em um contexto pandêmico, em que o contato físico estava impossibilitado.



A experiência de ter morado em vários territórios reforça em mim o sentimento da impermanência das coisas.

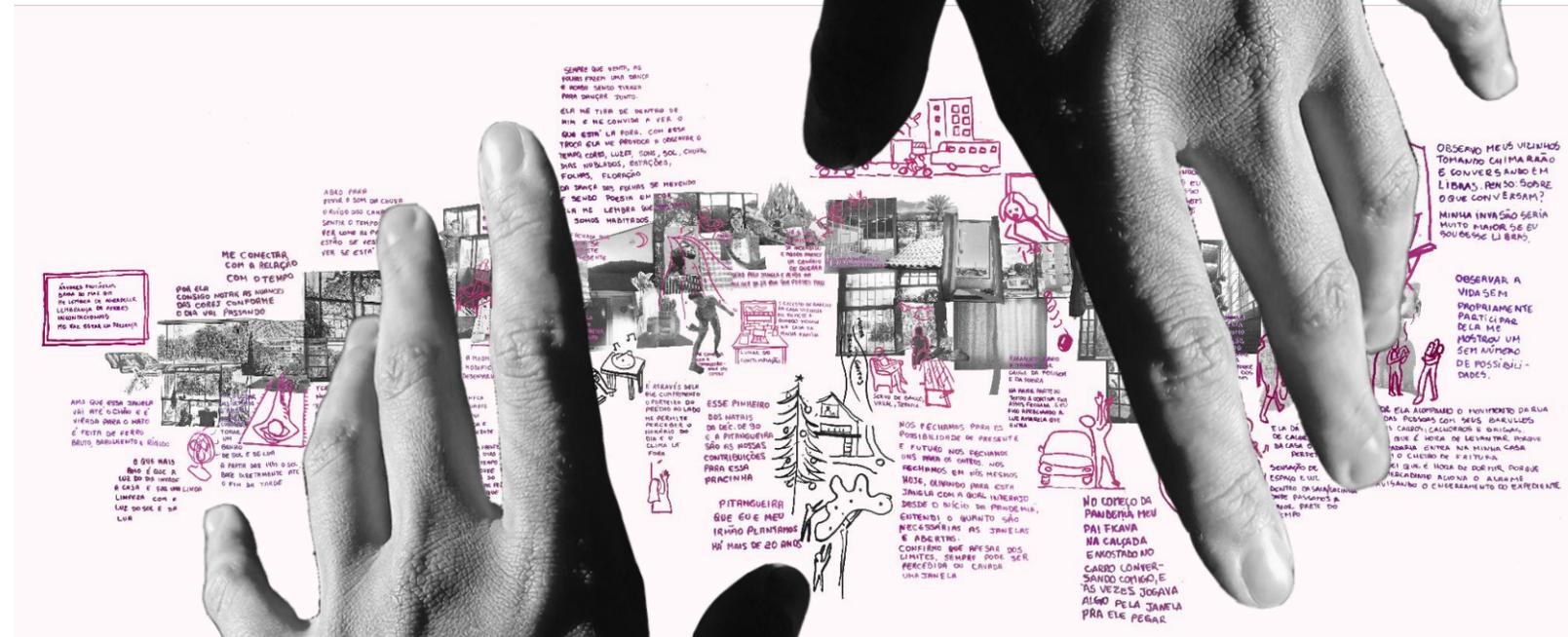
Ao abrir cada janela do questionário pude ir de encontro com reflexões acerca do meu próprio percurso, visto que minhas memórias e meus afetos foram gerados na impermanência de um território comum. Assim, a narrativa da visitação das paisagens das janelas aqui apresentada se mescla com o meu próprio deslocamento, visto que cinco das onze cidades do trajeto são lugares anteriormente habitados por mim. Dessa forma, há um entrelaçamento entre as histórias dos participantes da pesquisa e as minhas próprias percepções dos territórios que nos constituem.

## COREOGRAFIA

Observar e registrar através dos desenhos aquilo que é do campo do indizível, dos gestos habituais do cotidiano de quem pratica o espaço, me auxiliou a compreender como as janelas fazem parte de uma estruturação coreográfica, podendo ser liberada quando o corpo se permite o atravessamento daquilo que seu entorno disponibiliza de contato com o meio. Seja para sentir o vento no fim de tarde, cumprimentar o vizinho que passa ou acariciar a pele com os raios de sol.

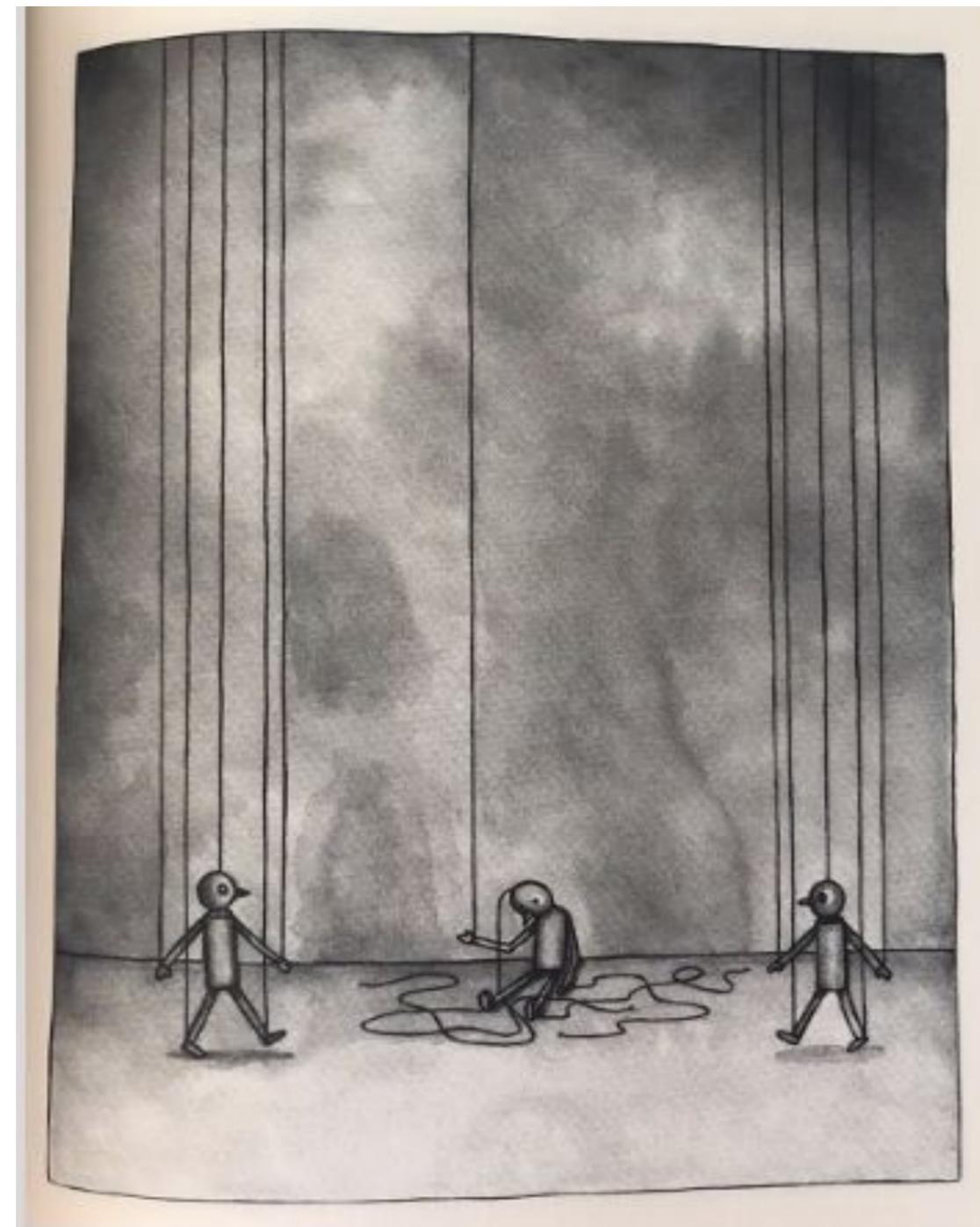
Identificar potencialidades espaciais e se permitir uma descoberta sensorial pelo espaço é uma maneira de construir novas estruturas coreográficas de composição com os cenários que habitamos. No entanto, para que se desenhe novos gestos motrizes de uma sociedade de novos afetos, atrelados a cosmo sensações e cosmopolíticas, se faz imperativo a desconstrução das prévias estruturas de produção de vida que até então detêm o poder de ditar a norma.

Existe uma pré-determinação que condiciona nossos hábitos, gestos e percepções e pode ser entendida como uma tecnologia de incidência de poder sobre nossos corpos, conceituado por Michael Foucault como Biopoder, forças que possibilitam a manutenção de um sistema através da vigília e do controle em uma sociedade. Essa pré-determinação pode ser entendida também como uma estrutura coreográfica que dita quais movimentos são adequados a determinados espaços. Entendendo a coreografia como estruturas políticas, sociais e também arquitetônicas que compõem as partituras invisíveis de movimentos autorizados, ou não, por uma sociedade. De todas as estruturas que coreografam os nossos corpos, a arquitetura acaba por ser a mais visível, palpável e material, e, dessa maneira, a sua forma vai imprimir no espaço todas as outras estruturas invisíveis de poder.



A partir da compreensão dessas estruturas invisíveis, pode-se pensar em interferir, contornar e recriar outras formas coreográficas que se desviam desses controles. Dentro dessa perspectiva, a prática e a teoria da arquitetura podem auxiliar a liberar a coreografia de um lugar, usando o corpo como dispositivo de reconhecimento do espaço. A partir do corpo é possível ampliar a percepção de mundo e se atentar aos seus sentidos. Quando isso acontece, passamos, inevitavelmente, a liberar singelos movimentos coreográficos que escapam ao agenciamento dos corpos. Esse corpo poroso reabilita em si a capacidade de habitar um novo gesto, um novo encontro, e por consequência, um novo espaço.

Por mais que esse ambiente seja dado como conhecido, há sempre uma possibilidade de descoberta diante da paisagem, seja das suas características físicas ou simbólicas, elas sempre se modificam com a passagem do tempo, dando lugar a novas camadas afetivas de encantamento. É no encontro do corpo com um espaço que imprimem-se as marcas de um tempo habitado.



Na falta de um único território de estudo, me aproprio do corpo como território existencial de invenção. Assim, entendo que cada janela é um fragmento de um território. E por assim sê-lo, é um recorte a partir do ponto de vista de quem a observa e sente. O trabalho movimentou minhas paisagens internas e, ao fazê-lo, percorro caminhos de apropriação dos territórios que me constituem. Ao integrar esses lugares a partir do olhar do outro sobre um recorte daquilo que é visto e sentido, me permito exercitar a escuta, experimentar aproximações com o conteúdo e, por consequência, adentrar as múltiplas afetações que são geradas no encontro, como se realmente estivesse desfragmentada, a ponto de habitar todas as paisagens simultaneamente. Dessa forma, entendo essa pesquisa curiosa como uma oportunidade de refletir acerca do meu processo como estudante de arquitetura, de entender em quais recortes desejo atuar e quais ferramentas criativas disponho para efetuar-las.

A nossa leitura do mundo passa por uma leitura do corpo. Assim, acredito que este trabalho tem potencial contributivo para a Arquitetura que elabora projetos a partir de diferentes perspectivas. **É através dos nossos sentidos e da nossa subjetividade que decodificamos a nossa realidade. É através do pensar, do sentir e do agir que podemos perceber, habitar e construir espaços.**

*"Vimos a essência humana como a capacidade de inventar o interior dos signos que utilizamos para nos identificar. Esses signos não estão apenas nas palavras, eles são todas as sínteses de nossos sentidos, que resumimos e memorizamos no olhar, no olfato, no paladar, no tato. **Todas as criações de nossas percepções nos identificam. Se nossos sentidos básicos só se estabelecem numa constante comunicação com o exterior, é porque criamos o interior dos signos na medida em que estendemos a mão, que tocamos o mundo, que detectamos paredes e abrimos portas, na medida que descemos a escada e conhecemos o porão, na medida que sentimos as distâncias e notamos os ecos, as marcas de nossa presença, imprimimos no espaço as extensões de nós, nosso próprio corpo.** Somos como o pintor que expressa proporções e distâncias íntimas. As paisagens dizem sobre nosso lugar no mundo e com igual intensidade, quando confrontadas, ampliam a consciência de outros lugares que não nos pertencem, que não nos falam e que assim, nesse silêncio gritante, nos provocam a dizer mais, a dizer aquilo que nunca dissemos."*

*Leon Idris - Prelúdios 2016*



**ouverture la vie en close**

em latim,  
"porta" se diz "janua"  
e "janela" se diz "fenestra"

a palavra "fenestra"  
não veio para o português  
mas veio o diminutivo de "janua",  
"januela", "portinha",  
que deu nossa "janela"  
**"fenestra" veio**  
mas não como esse ponto da casa  
que olha o mundo lá fora,  
de "fenestra", veio "fresta",  
o que é coisa bem diversa

já em inglês  
"janela" se diz "window"  
porque por ela entra o vento ("wind") frio do norte  
a menos que a fechemos  
como quem abre  
o grande dicionário etimológico  
dos espaços interiores

Poema retirado do livro Toda Poesia - Paulo Leminski, pág. 248  
\*Publicado postumamente, em 1991, pela editora Brasiliense.



Todo dia o mesmo canto,  
Todo dia as mesmas quatro paredes  
coreografam o mexer do meu corpo  
E junto delas a sensação de que mais um  
mover se esvai.  
Tal canto ganha poeira.  
Pó  
Uma camada fina de resto que se acumula no  
inverso das quinas.

Cantos são propícios para acúmulos.  
ar estagnado, nada muda.  
guardo algum sopro que arranque  
redemoinhos de mim.

Até que avisto a janela.

por ela meu corpo é convidado a um novo  
movimento  
ainda que singelo.  
por ela vejo o movimento.  
Se bem que, dizer que vejo é muito pouco  
diante do que de fato me acontece.  
Através da janela sinto com cada dispositivo  
que carrego no corpo a passagem do tempo.

*"É necessário projetar um edifício pelas janelas  
disse Hundertwasser, porque elas são a ponte  
entre o interior e o exterior.  
E da mesma maneira são nossos poros.*

Como olhos da pele, os poros são nosso meio  
de comunicação com o ambiente externo, a  
derme.  
São capazes de sentir a mudança e,  
simultaneamente, a estagnação.

As janelas são os poros da casa,  
simbolizam a abertura  
garantem passagem,  
assim como nossos poros são janelas do corpo.  
Sempre que podem, se tornam fronteiras em  
fluxo



Se eu fosse casa escolhia ser janela.  
Porque a janela é da casa o que não é,  
o vazio onde ela sonha ser mundo.

Mia Couto



Quintanices

Segui seu conselho  
abri uma janela

palavras

dançam nas ruas estreitas  
pelas avenidas  
grafitam nos muros  
ocupam espaços  
correm na areia

entre rios e pontes  
entre vagas ideias  
as letras as frases  
escapam pulando  
em cores

na boca  
no sangue  
na mão

chega o poema  
e junto o poeta  
e vem o convite,  
à festa folia  
brincar de poesia  
os sons  
toda a luz.  
arejam a casa  
alegram a casa

habitam em mim.

Regina Dayeh  
Livro: Meu pai desenhava navios, 2013



“É próprio da casa urbana, especialmente dos apartamentos, certa mistificação da janela. Desvinculada da terra, longe do chão da cidade, a janela afasta-se do radical que nosso idioma escolheu para ela (janua em latim é porta; januella, portinha) e assume mais propriamente sua vocação contemporânea, sua qualidade especular de tela. Anglófonos e hispanohablantes herdaram um sentido háptico: window e ventana vêm de vento. o português que elegeu janela o fez com deliberação, fenestra é a palavra correspondente em latim, originária de um antigo verbo grego que significa iluminar. janua é porta. janus, o deus romano de duas faces opostas é a divindade dos começos, mudanças e transições (ele também nomeia janeiro).

Numa memória de infância estou debruçado no parapeito do apartamento, fascinado com o lusco-fusco. Quando a luz do dia caía, a tela luminosa da televisão flutuava nos ares da cidade, suspensa no reflexo vítreo da janela, a cena teletransmitida concorria com o dia evanescente e depois com as bandas claras e avermelhadas dos faróis dos carros até coroar o triunfo hipnótico de sua luz cambiante proclamando indiferença à cidade. A janela virava espelho. Hoje, vendo o transcorrer das estações de dentro de casa começo a implicar com as janelas. Essas portinhas impossíveis cindem nossos sentidos. O que se oferece aos olhos não está ao alcance do corpo. Quem está confinado, o está na posição de expectador. O expectante sela uma equivalência sinistra entre janela e tela.”

Sem Título, 2020 - **Denis Joelsons** | @des.estrutura





"O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

Trecho final de Cidades Invisíveis: CALVINO, Ítalo p. 150)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do COTIDIANO**: 1. Artes de fazer. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

PESSOA, Fernando. **Cancioneiro**. Porto Alegre: L&Pm Pocket, 2007.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

BEIGUELMAN, Giselle. **Coronavida: o pós pandêmico é agora**. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/41>. Acesso em: 20 set. 2020.

RESENDE, Catarina; CAETANO, Patrícia; TORRALBA, Ruth. **Política do Sensível: práticas somáticas e corpo-campo-coletivo**. 2. ed. Florianópolis: Vazantes, 2018.

O ESPAÇO nos fala. Realização de Kaspar Hauser, Gaston Bachelard e Regina Dayeh. 2016. (16.5 min.), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4SAX-Q19474&t=611s>. Acesso em: 5 jul. 2021.

SARAIVA, Luiz. **Janelas da Pandemia**. 2020. Disponível em: [https://issuu.com/leticiasantanagomes/docs/janelas\\_da\\_pandemia](https://issuu.com/leticiasantanagomes/docs/janelas_da_pandemia). Acesso em: 12 ago. 2020.

TOKARNIA, Mariana. **Um em cada 4 brasileiros não tem acesso à internet, mostra pesquisa**. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quat-ro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>. Acesso em: 12 maio 2020.

MARTINS, Iasmin. **Os afetos na pandemia**. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/113>. Acesso em: 15 out. 2020.

MOURA, Francisca de Jesus Cardoso; OLIVEIRA, Luizir de. A Cartografia como Método de Pesquisa Filosófica O filósofo - cartógrafo, mapeando territórios, acompanhando processos e criando procedimentos de pesquisa. **Revista Lampejo**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 142-162, 5 out. 2020. Disponível em: [http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-17-vol\\_9\\_n\\_1/8\\_-\\_A\\_cartografia\\_como\\_m%C3%A9todo\\_de\\_pesquisa.docx.pdf](http://revistalampejo.org/edicoes/edicao-17-vol_9_n_1/8_-_A_cartografia_como_m%C3%A9todo_de_pesquisa.docx.pdf). Acesso em: 4 mar. 2021.

LATOUR, Bruno. **Imaginar gestos que barrem o retorno da produção pré-crise**. Disponível em: [http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS\\_2.pdf](http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/P-202-AOC-03-20-PORTUGAIS_2.pdf). Acesso em: 5 nov. 2020.

GUIZZO, Iazana. **Reativar territórios: o corpo e o afeto da questão do projeto participativo**. Belo Horizonte: Quintal Edições, 2019.

JACQUES, Paola Berenstein. **Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. Tradução: Estela dos Santos Abreu.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LEPECKI, André. Coreo-política e coreo-polícia. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 43-58, 28 dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2011v13n1-2p41/23932>. Acesso em: 7 dez. 2020.

LIRA, Frank Wyllys Cabral. **Adorno e o ensaio como forma**. 2013. Disponível em: <https://medium.com/@frankwcl/adorno-e-o-ensaio-como-forma-a890a4ceeb53>. Acesso em: 15 mar. 2021.

OLIVEIRA, Danilo Patzdorf Cesari de. **Sobre aquilo que um dia chamaram corpo: corporalidade nas ambiências digitais**. 2017. 176 f. Dissertação de Mestrado - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da Percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

NESBITT, Kate (Organizadora). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura:** antologia teórica (1965-1995). São Paulo: Cosac Naify, 2013.

TROCHE, Gervasio. **Desenhos Invisíveis.** São Paulo: Lote 42, 2014.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** Florianópolis: Saraiva, 2010.

PATZDORF, Danilo. **PEQUENO MANUAL DE AUTOCUIDADO PARA CORPOS ESGOTADOS.** São Paulo: Letramento, 2021.

**Obs.:** Desenhos e fotografias que não foram referenciadas no corpo do texto são de própria autoria

#### **OFICINAS VIRTUAIS**

- Habitar a Casa | oficina virtual terceira margem
- CAMINHOS DE DESCOLONIZAÇÃO DA DANÇA - Arquitetura Y Coreografia Y Cosmopolítica: projetar espaços através da Dança. Daniel Kairoz
- LABORATÓRIO TEXTOS MULTIMÍDIAS - Zona Tórrida Rafael Rebouças
- Mover o Toçar Sesc 24 de maio de 2020

#### **FILMES**

JANELA da Alma. São Paulo: Ravina Filmes, 2001.

JANELA indiscreta. Direção de Alfred Hitchcock. Nova York: Paramount Pictures, 1954.

A SOCIEDADE do Espetáculo. Paris: Simar Filmes, 1974.

O HOMEM ao lado. Produção de Gastón Duprat, Mariano Cohn. Roteiro: Andrés Duprat. Buenos Aires: Aleph Media, 2009. (110 min.)

MEDIANERA. Direção de Gustavo Taretto. Buenos Aires, 2011.